

# editorial

É com grande alegria que apresentamos a [REVISTA CORSÁRIO n. 01](#), editada, pela primeira vez, nesse suporte revolucionário: o papel.

A [REVISTA CORSÁRIO](#) surgiu em 2005 e, ao contrário de outras revistas de literatura, já nasceu no meio cibernético. E, de lá para cá, muita coisa boa foi publicada: poemas, contos, cartas, videopoemas, fotografias, livros para serem distribuídos livremente, áudios etc. Mas, sentimos a necessidade de irmos além. A nau precisava de novas águas, novos suportes.

A oportunidade surgiu em 2010, quando firmamos uma parceria com a Fotossíntese:Arte:Comunicação. A partir de então, tivemos a ideia de submetermos um projeto à Secretaria de Cultura do Estado do Ceará (SECULT-CE), a fim de concorrer ao *Prêmio Literário Para Autor Cearense* e, para nossa surpresa, fomos contemplados. Com isso, conseguimos os recursos necessários para a publicação de 03 números da revista impressa.

Neste primeiro número, vamos conversar sobre a multiplicidade das linguagens, suportes e a mistura de signos (dança semiótica): vídeos, artes plásticas, fotografia, performance, cidade, corpo, dança, teatro... Uma nova conjunção de fazer/ler o texto literário.

Nesta edição, temos a entrevista com o nosso São João Batista da literatura cibernética: Augusto de Campos; performance e poesia no Além-Mar por Fernando Aguiar; uma conversa sobre o papel digital e o papel tradicional por Katiusha de Moraes; o projeto Cidade Poema, descrito pela idealizadora Laís Chaffe; as infiltrações de Edson Cruz; os quantas de Márcio-André; uma introdução à videopoesia, por Henrique Didimo; as narrativas do poeta-viajante Nuno Gonçalves em suas andanças pelo México e uma antologia de poemas e contos de nossa revista eletrônica. Trazemos também um breve perfil de nosso inspirador-mor, o corsário Capitão Mission e muitos outros tesouros a serem compartilhados durante a aventura errante desta *navilouca*, da família da *Stultifera Navis*.

Por fim, quero agradecer a pessoas-chave nesse projeto: à Katiusha de Moraes - redadora-chefe e produtora da revista; ao Raymundo Netto - grande incentivador; ao Mauro Gurgel, da Expressão Gráfica, onde nossas revistas são impressas e à SECULT, pelo patrocínio. Sem esquecer, claro, de todos os colaboradores e membros do conselho editorial.

Saudações-Pirata!  
[Boa viagem!](#)

mardônio frança  
editor responsável

imagem : dirceu matos





## índice

8

performance e poesia no além-mar  
por fernando aguiar  
performance

### Editor Responsável

Mardônio França

### Redatora-Chefe

Katiusha de Moraes

### Projeto Gráfico e Capa

Ícaro Mares

### Arte Final

Gilberlânio Rios

### Fotografia de Capa

Augusto de Campos por Fernando Laszlo

### Conselho Editorial

Mardônio França | Katiusha de Moraes |  
Laís Chaffe | Edson Cruz | Márcio-André |  
Poeta de Meia-Tigela | Cláudio Portella |  
Nuno Gonçalves | Henrique Dídimo

14

capitão mission e a arte-livre  
por mardônio França  
piratas

20

jingle bells, jingle bells...acabou o papel ?  
por katiusha de Moraes  
tecnologia

### Colaboradores/ Fotógrafos /Ilustradores

Augusto de Campos | Fernando Aguiar | Léo  
Mackellene | Demétrios Galvão | Carlos Nóbrega  
| Victor Alencar | Ayla Andrade | Roberto Barros |  
Pedro Salgueiro | Dirceu Matos | André Dias | Zenner  
Sarte | Constance Brito | Pipol | Guilherme Veríssimo  
| Fabrice Ziegler | Darina Robles Pérez | Maíra  
Rato | Dámian Simonini Nano | Michele Fonteles  
| Sri Camelo | Stella Marina | André Monteiro

### Edição

Editora Corsário

### Produção Executiva

Fotossíntese.: Arte.:Comunicação

### Contato

Caixa postal - 6026 | Fortaleza-CE | Brasil | Cep 60440-546

Twitter: [twitter.com/revistacorsario](https://twitter.com/revistacorsario)

Endereço eletrônico: [revistacorsario@gmail.com](mailto:revistacorsario@gmail.com)

Sítio eletrônico: [www.corsario.art.br](http://www.corsario.art.br)

Vídeos: [www.youtube.com/revistacorsario](https://www.youtube.com/revistacorsario)

Produção : [www.fotossintese.com.br](http://www.fotossintese.com.br) | [fotossintese.arte@gmail.com](mailto:fotossintese.arte@gmail.com)



26

cidade poema  
por laís chaffe  
poéticas urbanas

34

entrevista com o poeta  
augusto de campos  
entrevista

48

a (in)disciplina pelos quanta  
por márcio-andré  
navegações

artigos

56

caminhos & cantos - nuno gonçalves

60

os paradoxos e suas contaminações - edson cruz

68

videopoesia: zona de fronteira - henrique dídimo

### antologia corsário

6

palavras esquecidas - léo mackellene

18

a mata da brasa - mardônio frança

24

música para indecisos - demetrios galvão

32

inluação - carlos nóbrega

46

desnorte - ayla andrade

54

unhas - roberto barros

66

movimento esperado - pedro salgueiro

74

da vida das marionetes ou: - poeta de meia-tigela

As palavras saem / bandeiras esfarrapadas  
e alcançam o mar com a graça de um mergulhão  
e um peixe na boca.

As palavras devoram-se.

Daqui de cima / é mar a dar na vista

- Não senhor! Nenhuma caravela...  
- Sigamos...

haveremos de encontrar  
Continuemos...

nada mais  
que tudo acontece sem o nosso consentimento.

léo mackellene

Léo Mackellene é poeta, músico e professor de Literatura Brasileira da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA, Sobral-CE). Mestre em Literatura pela Universidade de Brasília (UnB). Licenciado em Letras pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Estreou com o livro-poema *O livro das sombras ou O livro dos mais pequenos silêncios* (Mangues e Letras, 2006). Tem contos e poemas publicados no almanaque de contos *Caos Portátil* (nos 3, 5), nas antologias *Encontros e Desencontros* (2007), *O Cravo Roxo do Diabo: o conto fantástico no Ceará* (2011) e *MassaNova Literatura* (2007), além de artigos científicos em revistas especializadas do país. Mantém um trabalho musical-poético com a banda O jardim das Horas (São Paulo). Em 2010, organizou uma publicação intitulada *Carinhonha: entre rosas e veredas* (Corsário, 2010) na cidade Carinhonha, sudoeste da Bahia. Responde pelo email leomackellene@gmail.com



imagem : zenner sarfe



imagem : fernando aguiar  
Julien Blaine em Hiroshima, NIPAF 97





# performance e poesia no além-mar

por fernando aguiar

ao centro também me sento | no canto também se calha  
a colheita também se colhe | se encolho também encalho  
se malho também enxuto | o enxame também desfruto | a disputa também existe

e o exacto também se acha  
o enlace também se cose | na loiça também se coisa |  
e o laço também desfazço

se corro também escarro | e o escasso também entoo | à toa também não maço  
se faço também é facto | no acto também me corto | e o arco também arqueia

amealho tão bem a meias  
a seara também semeia

também a ponte se aponta.

fernando aguiar

# in(ter)venção poética

por fernando aguiar

imagem: fernando aguiar -  
Giovanni Fontana em Budapeste -  
PERFORIUM'95



Numa época em que a imagem, o som, a informação e o ritmo acelerado são o retrato mais cru da nossa sociedade, ao explorarmos os caminhos da poética, depressa percebemos que a poesia tradicional não é suficiente para transmitir, de forma activa e efectiva, tudo aquilo que se pensa, sente, o que se quer dizer.

A escrita vai se transmutando num insuficiente meio de expressão, não só pelo desgaste de certos vocábulos, deteriorados pelo uso, mas, principalmente, pela falta de comunicação visual dessa mesma escrita.

Por questões estéticas e práticas, uma mensagem deve ser veiculada de tal maneira que, tanto a sua forma como o seu conteúdo, contribuam significativamente para uma rápida e profunda apreensão do que se pretende transmitir.

Assim, tornou-se necessária a valorização visual das letras, das sílabas e das palavras, para que o acto de ler tivesse outra motivação e resultasse numa experiência mais estimulante.

Houve poetas que começaram a movimentar as palavras, a criar-lhes outras estruturas dentro da página, possibilitando várias formas de leitura.

Fernando Aguiar é um poeta português na nacionalidade e transnacional na poesia. Publicou 26 livros, foi incluído em 68 antologias, 41 exposições individuais e participou de 110 festivais internacionais de poesia e performance em 25 países. Contato: fernandoaguiar@netcabo.pt



A multiplicação do significado das palavras fez com que a relação poeta/poema/leitor se modificasse e resultasse numa outra apreensão da leitura, ao contrário da relação relativamente passiva na leitura do poema lírico, linear e sequencial.

Nessa procura por uma maior expressividade visual da escrita, realizaram-se algumas experiências onde as imagens apareciam associadas às letras, resultando em uma maior intensidade na leitura e na mensagem veiculada.

Com isso, não só o conteúdo do poema, mas também a forma desse conteúdo (a forma do próprio poema) passou a ter importância. Mais: a forma passou também a ser conteúdo e a ser parte integrante desse, de tal maneira que começou a ser quase impossível distinguir um do outro, já que os dois, em conjunto, contribuíam para veicular a mensagem.

Mas todo esse trabalho de re(in)venção da escrita veio a questionar o seu tradicional suporte: o livro. Este tornou-se limitado, incapaz de permitir uma maior expressividade plástica e informativa.

Se o livro, como suporte de um texto, cumpria a sua função a nível de conteúdo, depressa se revelou insuficiente. O processo comunicativo exigia muito mais: tanto em relação ao conteúdo e à sua forma, como no suporte da forma desse conteúdo.

No livro, o poema continuava limitado pelas arestas da página e reduzido à bidimensionalidade da superfície do papel. Por esta razão, outros processos de veicular a poesia começaram a ser utilizados. Modos diferentes de difundir signos, tais como o poema-objecto; a instalação; o vídeo; o computador e a performance.

Utilizando a performance como suporte para a transmissão da mensagem poética, o poema ganhou uma nova liberdade expressiva e adquiriu outros componentes: movimento, volume, cor, luz e som que por sua vez, alteraram definitivamente a ideia de espaço e de tempo na escrita.

A performance na poesia ou intervenção poética, expressão mais adequada, apresenta algumas sutis diferenças em relação à performance apresentada em outros contextos. Nesta, o corpo é o principal elemento de concretização da obra. Na intervenção poética, o corpo funciona mais como instrumento de escrita e tem como principal característica, em relação a outros suportes usados na poesia, o envolvimento físico do próprio poeta como despoletador e factor de consecução do poema.

A intervenção directa do poeta, que usa o corpo como veículo de transmissão e como manipulador dos referentes em cena, torna a poesia verdadeiramente interactiva a todos os níveis. Como o autor e o “leitor” estão presentes na elaboração do poema, a reacção do “leitor” dá-se em simultâneo com a acção desenvolvida pelo autor.

Assim, a interacção entre acção e reacção passa a assumir um papel importante no desenrolar do poema, o que altera por completo a ideia clássica de poesia. Mediado pela performance, o poema não se define como obra acabada, estática e imutável. O poema apresenta-se “vivo”, e o poeta resulta no despoletador de situações e de emoções que vai “escrevendo” o seu poema, a partir de uma determinada intenção.

O fruidor, ao assistir e, eventualmente, reagindo ao desenvolvimento do poema, tem a possibilidade de influenciá-lo, levando, em alguns casos, à alteração de sua forma final. Além de peculiar, este aspecto é importante para a compreensão do poema interactivo, tornando-o mais apto a cumprir a sua função comunicativa e informativa que acontece nos dois sentidos: criador/fruidor e fruidor/criador.

“O fruidor, ao assistir e, eventualmente, reagindo ao desenvolvimento do poema, tem a possibilidade de influenciá-lo, levando, em alguns casos, à alteração de sua forma final”.

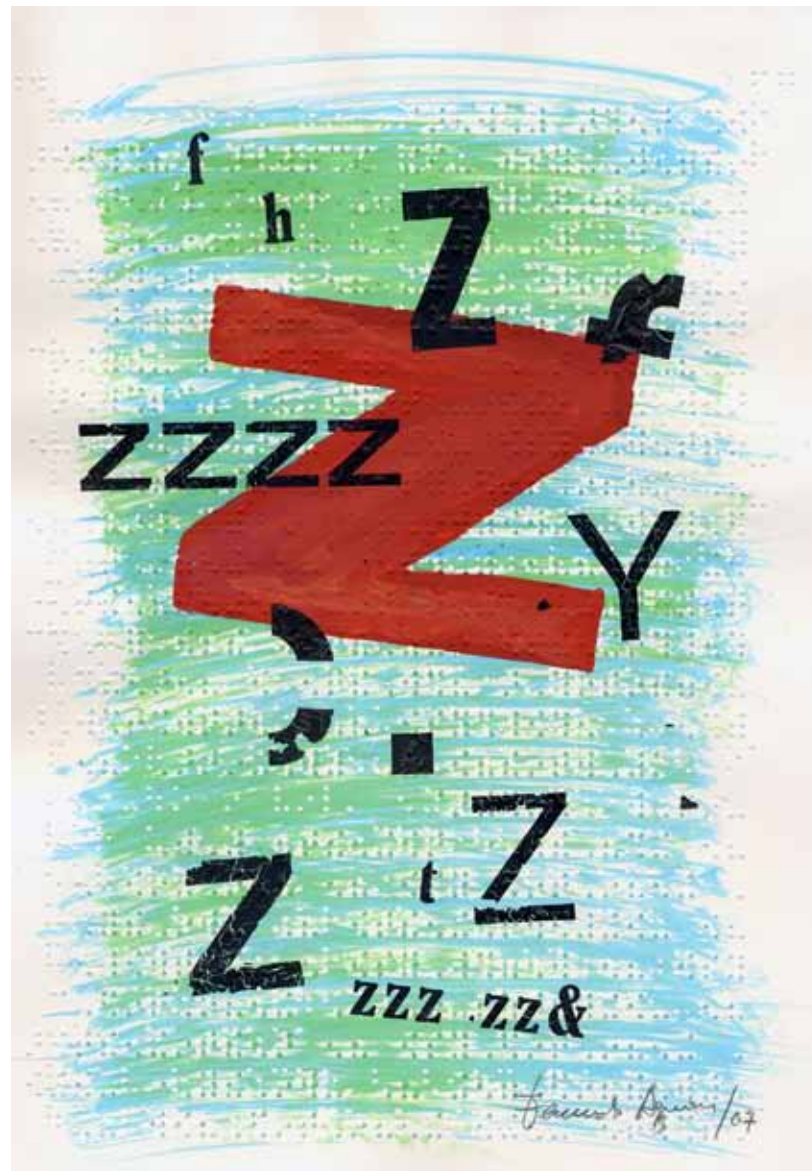


imagem :poema gráfico alfabeto (letra z) por fernando aguiar

“(…) interacção entre acção e reacção passa a assumir um papel importante no desenrolar do poema, o que altera por completo a ideia clássica de poesia”.



imagem : fernando aguiar  
Bartolomé Ferrando na Checoslováquia. TRANSART COMMUNICATION, 1992

Tendo a performance como suporte, o poema deixa de estar limitado à página e passa a ocupar todo o espaço circundante, o que altera a ideia de espaço e de estrutura espacial do poema. Do mesmo modo, é significativamente alterado o conceito de tempo. Na poesia tradicional, o poema é apresentado ao leitor como obra acabada, inalterável, mantendo-se eternamente com uma única forma.

Com a intervenção poética, a ideia de imortalidade do poema é perfeitamente ultrapassada. O poema existe apenas quando começa, progride e termina. Passa a ter uma vida própria com princípio, meio e fim, deixando de ser um objecto sagrado e intocável. E como a performance é uma acção irrepetível (é impossível repeti-la integralmente), a sùmula do poema fica apenas na memória de quem dele usufruiu.

No entanto, para haver uma completa compreensão e assimilação do poema, o fruidor deverá decodificar, em simultâneo, toda a multiplicidade de referentes, signos e sentidos que o compõem, e deverá saber relacioná-los entre si.

Com isso, a intervenção poética, tangida por todas as possibilidades interativas, eleva a poesia ao seu máximo expoente.

para saber mais:

- internet:
- [www.corsario.art.br/ensaios/alemMar](http://www.corsario.art.br/ensaios/alemMar)
  - [ocontrariodotempo.blogspot.com](http://ocontrariodotempo.blogspot.com)

# capitão mission e a arte-livre

por mardônio frança

Capitão Mission - personagem que inspirou a Revista e Editora Corsário.

Mardônio França é editor responsável da revista e editora Corsário, poeta multimeios; fotógrafo e amante dos mares. Estuda Física por Amor; publicou seu primeiro livro-postal em 2010, *Mitologias Poéticas - 1o. movimento*; participou da Antologia *Massanova* - 2007; Antologia de contos - *Encontros e Desencontros* - 2007. Participou do Grupo Parafernália nos anos 90. Contato: mardfranca@gmail.com





imagem : Ilustração original de André Dias para a Revista Corsário

## um novo caminho para Libertatia

**H**á muito tempo, lá pelo final da década de 90, o poeta Nuno Gonçalves trouxe nas mãos, como uma espada, o livro *Cidades da noite escalarte*, de William Burroughs. Sim, o poeta Nuno, numa das apresentações antropofágico-cibernéticas do grupo Parafernália nas Rodas de Poesia (Evento organizado por Carlos Emílio C. Lima em Fortaleza-Ceará), fez referência à utópica Libertatia, cidade fundada pelo Capitão Mission.

Com Burroughs, descobri que Mission era um pirata dos mares, todavia, um pirata diferente. Ele falava de uma oportunidade que existiu, mas foi perdida. A oportunidade de Liberdade – da tirania do governo, para viver como quiser. E incitava: somente um milagre ou tirania poderia ressuscitá-la.

**E**m tempos de *Open Source*, era essa oportunidade que eu tanto buscava. E, assim como Mission, eu também queria ser um pirata e construir a minha Libertatia digital. Então, convoquei uma Zona Autônoma Temporária para definir os rumos de minha *Stultifera Navis*. Vieram os ex-integrantes da Parafernália, dançarinos, poetas, músicos, fotógrafos, *designers*, pintores e outros tantos anarquistas cansados da “sobriedade punitiva”.

“(..).Conta-se que o Capitão Mission, depois de comandar seu navio numa vitória contra um vaso de guerra inglês, convocou uma reunião da tripulação. Acolheria e trataria como irmãos os que desejassem segui-lo; os que não quisessem, seriam desembarcados em algum lugar, sãos e salvos (...) Cada um e todos adotaram a Nova Liberdade. Alguns eram a favor de içar a Bandeira Negra, mas Mission objetou a isso, alegando que não eram piratas, mas amantes da liberdade lutando por direitos iguais contra todas as nações sujeitas à tirania de governo, e propôs uma bandeira branca como o emblema mais apropriado (...)”

Excerto extraído de *Under the black flag*, de Don C.Seitz

### manias do capitão mission

- libertar navios negreiros;
- convidar inimigos para compartilhar sua utopia;
- não admitir maus tratos para com os vencidos: não eram permitidos açoites, torturas etc;
- dividir as receitas, provenientes dos saques, de maneira igualitária;
- batizou seu navio de República do Mar;
- excluir a tradicional bandeira preta com a caveira;
- uso da bandeira branca com a palavra liberdade.

### para saber mais:

#### livros :

- *Cidade da noite escarlata* - William Burroughs;
- *A história geral dos piratas* - Daniel Defoe;
- *Under the black flag* - Don C.Seitz;
- *TAZ - Zona Autônoma Temporária* - Hakim Bey;
- *Utopias Piratas - mouros, hereges e renegados* - Peter Lamborn Wilson.

#### internet :

<http://www.corsario.art.br/bucaneiro>



Senti que era chegada a hora de encontrar uma nova bússola. E, em meio a Navegações Transversais, descobri a *Navilouca*, guiada por Torquato Neto e Wally Salomão. Mas, ainda faltava algo: a Arte-Livre – para copiar e distribuir. Decidi, portanto, criar a Revista Eletrônica Corsário, aceitando tesouros da Corte para tornar a Arte possível. E Mission segue conosco até hoje na nau.

Mission:  
um ativista dos  
mares

No livro *A história geral dos piratas*, de Daniel Dofoe, Capitão Mission era um ativista libertário dos mares. Os integrantes de sua nauestavam de ser meros saqueadores do alto-mar. Tinham suas próprias leis, desígnios, objetivos: navegavam seguindo seus próprios desejos.

Em 1660, Mission fundou a cidade Libertatia, na costa de Madagascar, onde já era proibida a escravidão.

*Capitão Mission provavelmente nasceu em Argel 1615. Morreu, possivelmente, em guerra, em 1675, na cidade de Libertatia, costa de Madagascar.*

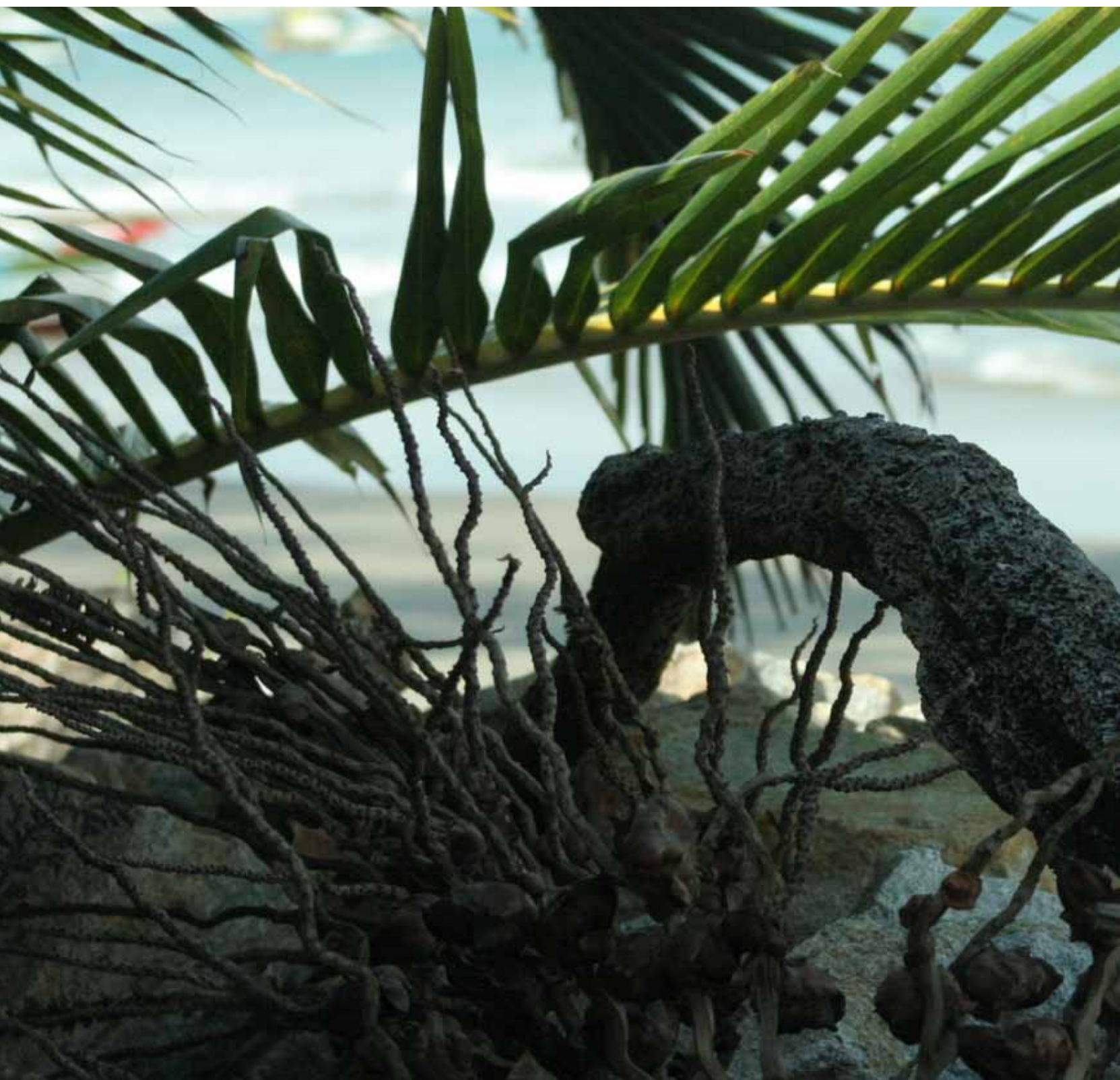
“ Mission foi um dos precursores da Revolução Francesa. Estava cem anos à frente de seu tempo, pois sua carreira baseou-se num desejo inicial de melhorar a situação da humanidade (...) ”

Excerto extraído de *Under the black flag*, de Don C.Seitz





imagem: dirceu matos





a mata da brasa

sem gravidade, agravose garras | a mata a casala os bichos | seta que amarra os corpos | vaso que anseia  
pelo líquido miraculoso dos anseios | a mata, na brasa do amor | a mata, na varredura do suor | a mata,  
amassa, acalma as almas | acalma a poesia. | a poesia dos olhos vivos | enche a terra de milagres  
e os milharais eram flores de chuva em janeiro | campina, canjica e os seios do universo.

mardônio França



imagem [teclados] : dirceu matos





# *Jingle bells, jingle bells...* *Acabou o papel ?* por katiusha de moraes

## *Pads, tablets, e-books...*

Essas palavrinhas têm se tornado cada vez mais frequentes entre os usuários de computadores. Para quem vive em tempos de internet, e presencia mudanças tão vertiginosas em curtos espaços de tempo, talvez não tenha se dado conta da dimensão que elas têm para a leitura.

Katiusha de Moraes - poeta, advogada, produtora cultural, mestranda em Linguística (UFC). Atualmente, é diretora executiva da Fotossíntese: Arte::Comunicação, redatora-chefe e produtora da Revista Corsário.  
Em 2009, publicou o livro de poesias *Fábrica de Asas* (Editora Corsário - [www.fabricadeasas.blogspot.com](http://www.fabricadeasas.blogspot.com)).  
Contato: [katiushademoraes@hotmail.com](mailto:katiushademoraes@hotmail.com)



# Breve história do papel

O papel, tal qual conhecemos hoje, nem sempre existiu. Do aparecimento da escrita até ele foi um longo caminho. Os povos antigos encontraram diferentes formas de registro da escrita. Os sumérios, por exemplo, utilizavam tijolos de barro. Os indianos, folhas de palmeira. Os maias e astecas, valiam-se de uma matéria-prima encontrada entre a casca e a madeira das árvores: as *tonalamati*. Já os romanos, tábuas de madeira cobertas com cera.

Mas, foram os egípcios os responsáveis pelo tataravô do papel. Por volta de 2.500 a.C., eles utilizavam o papiro, extraído da medula da *Cyperus papyrus*. Assim, o papiro era utilizado como suporte para a escrita hieroglífica, que era privilégio de poucos iniciados e, geralmente, tratava de assuntos ligados à astronomia, à matemática e à religião.

O pergaminho, por sua vez, também antecedente do papel, era fabricado com a pele de carneiro. O grande inconveniente desse suporte é que, além de necessitar da pele de inúmeros animais para produzir uma pequena quantidade de pergaminho, também era muito difícil de armazenar, devido à extensão.

Contudo, foram os chineses que iniciaram a produção do papel feito com fibras vegetais. Ele era produzido com a fibra de certas árvores, como o bambu, e misturado com água e restos de outros materiais, como a seda. A mistura era então colocada em caixas até originar uma pasta.

A difusão dessa tecnologia para o ocidente, entretanto, somente ocorreu algum tempo depois, através dos árabes.

# Livro Digital

José Afonso Furtado considera que a definição do termo *e-book* ainda não está consolidada e é passível de grandes controvérsias semânticas.

Segundo o autor, há, pelo menos, três modalidades em que podemos reconhecê-lo: livro em formato eletrônico; formato eletrônico em que o texto é convertido ou criado; dispositivo de leitura dos textos digitais ou digitalizados.

Além dessa discussão, ainda aponta outra questão, não menos relevante, que seria a oposição entre dois grandes paradigmas: um que defende a versão eletrônica como mera extensão ou recursos secundários das publicações impressas; outro, que defende a criação voltada, desde o princípio, para explorar os recursos da cultura digital.

Porém, algumas características são essenciais para caracterizar o *e-book*: um conjunto de textos eletrônicos codificado e publicado em formato digital, que possa ser decodificado por meio de um programa para tornar-se legível para o leitor e que possa ser lido independentemente da internet. .

# Impresso X Digital

Mas, será que o livro digital veio para substituir o livro impresso? No livro *Hamlet no Holodeck - o futuro da narrativa no Ciberespaço* - Janet Murray defende que "o computador não é o inimigo do livro", ao invés disso, é o resultado de uma evolução que só foi possível através de mais de cinco séculos da cultura impressa. Entretanto, admite que a máquina revelou as limitações do livro impresso.

O computador é capaz de proporcionar sensações que antes não eram possíveis. Há, portanto, um natural "fascínio do tátil", como as sensações vividas pelo Selvagem, em Admirável Mundo Novo, diante do cinema sensorial. Suscita, ainda, reflexões éticas, decorrentes das novas formas narrativas.

imagem [lápís] : dirceu matos





Assim, o beijo entre a capitã Janeway e seu amante Lord Burleigh, na holonovela do século XIX, seria considerado uma traição? A personagem de Guerra nas Estrelas, paralisada diante do envolvimento, desperta do transe e desliga a máquina, tomando consciência da sua superioridade diante da máquina. Murray alerta que, quanto mais convincente é o meio, mais perigoso ele é.

Para o historiador Roger Chartier, o aparecimento de uma nova tecnologia não implica a extinção de sua antecessora. Prova disso, seria a existência dos manuscritos, mesmo após anos da invenção da imprensa. Portanto, mesmo na era eletrônica, ainda conviveremos muito tempo com os manuscritos e os impressos.

Mas, afinal, quais vantagens oferecem os *readers*? Confesso que fiquei maravilhado ao saber que poderia viajar com algo em torno de 800 livros dentro da bagagem de mão.

Tal façanha seria impossível de ser realizada com livros impressos. Porém, os *notebooks* e *netbooks* já traziam essa facilidade. Livros digitais, em diversos formatos, também podem ser lidos nesses computadores portáteis.

A grande vantagem de um leitor digital é que ele foi desenvolvido para a leitura, embora algumas marcas possam oferecer recursos extras como acesso à internet. Com isso, a tela possui uma tecnologia que faz com que ela se assemelhe ao papel convencional, permitindo a leitura até mesmo quando exposto à luz solar. Não há a inconveniência do excesso de claridade, comum no computador tradicional.

Além disso, é possível fazer anotações e pesquisar um conteúdo determinado, sem riscar ou fazer dobras no livro. Isso tudo sem contar que o preço de custo de um livro digital é infinitamente menor que o de um livro impresso, o que poderia contribuir com a difusão e acesso à leitura.

#### para saber mais:

internet:

- [www.corsario.art.br/tecnologia](http://www.corsario.art.br/tecnologia)

livros:

- *Hamlet no Holodeck - o futuro da narrativa no Ciberespaço*, de Janet Murray
- *Os desafios da escrita*, de Roger Chartier
- *O papel e o pixel. Do impresso ao digital: continuidade e transformações*, de José Afonso Furtado

Enquete:

Você acha que os tablets e readers vão substituir o livro?

Responda à nossa enquete no site:

[www.corsario.art.br/enquetes](http://www.corsario.art.br/enquetes)



imagem : dirceu matos





música para indecisos

a música corta os olhos e transpassa a carne  
carrega as horas dos indecisos  
por livros velhos, cidades-labirinto e noites-cinema  
correspondência de sonhos intranquilos

nas gavetas da memória uma infância barbada  
e poemas-biscoito no café da manhã  
com aquela ferrugem que carcome os dentes

doses de pílulas em tecnicolor  
e em caso de incêndio nas partes íntimas  
deixar o fogo consumir o resto do corpo.

demetrios galvão

Demetrios Galvão - Aconteci em 26 de dezembro de 1979 na província de Teresina. Depois disso, iniciaram os percursos, pulando muros e roubando livros, invadindo terras e produzindo fanzines. No tempo perdido, ouvia muito rock e escrevia poesia (livros - *cavalo de tróia*, 2001; *fractais semióticos*, 2005; CD - *um pandemônio léxico no arquipélago parabólico*, 2005). Seguindo os passos do meio, costurei um curso de História e ziguezagueei por uma cidade-dissertação. Hoje estou doutorando com os olhos em fotografias e trabalhando na Academia Onírica, realizando performances e fabricando comprimidos-poemas. Além disso, exerço atividades domésticas, sou pai de gatos, cultivo cactos e gosto de café. Contato: demetrios.galvao@yahoo.com.br

imagem [bolachas-chope] : laís chaffe





# Cidade Poema

por **laís chaffe**



Laís Chaffe escreveu *Minicontos e muito menos* (2009) e *Não é difícil compreender os ETs* (contos, 2002). É roteirista e diretora do documentário *Canto de cicatriz*; está à frente da editora Casa Verde e do projeto de incentivo à leitura Cidade Poema ([www.cidadepoema.com](http://www.cidadepoema.com)). Contato : [lais@chaffe.com.br](mailto:lais@chaffe.com.br)

## Cidade Poema

“T em toda a liberdade!”, disse Mardônio França quando me convidou para integrar o conselho editorial da Corsário e, mais que isso, tornar-me colaboradora da Revista. Poderia ser melhor? Sim, poderia, e a sugestão que veio em seguida tornou a proposta ainda mais atraente. Para esta primeira edição, Mardônio sugeriu que eu escrevesse sobre o Cidade Poema, projeto que coordeno em Porto Alegre desde 2009 e venho idealizando há vários anos – não me perguntem quantos, que nem eu mesma sei ao certo.

Afinal, como disse a Clarice Lispector, o nascimento de uma ideia é precedido por uma longa gestação, num processo inconsciente para o gestante. Sei é que a empolgação de poder escrever com toda a liberdade sobre o Cidade Poema entrou em conflito com o constrangimento de usar este espaço em benefício próprio. A ambivalência resultou em adiamentos sucessivos, não-cumprimento de prazos, pedidos de desculpas sempre aceitos pelos compreensivos editores, a quem agradeço não só pelo convite, mas também pela flexibilidade. Para resolver o impasse, decidi assumir o papel de mãe babona, consciente de que o filhote está crescendo graças aos próprios méritos e a uma grande rede de apoio que se formou ao seu redor.

O número de artistas envolvidos já ultrapassa meia centena – mais de 40 deles são poetas; e há ainda fotógrafos, músicos, atores, artistas visuais, profissionais de audiovisual. Isso sem contar com o apoio de empresas e parceiros com os quais o Cidade Poema compartilha seu objetivo de incentivar e democratizar a leitura.

Sim, reconheço a importância das boas ideias quando acompanhadas de trabalho e ação, mas o maior motivo de orgulho está mesmo em ter conseguido me cercar de gente cheia de talento e generosidade, sem as quais não há Poesia.

## Mas, afinal, o que é o projeto Cidade Poema?

Se você gosta de definições ou precisa delas para apresentar a um editor mais ortodoxo – ou ainda, quem sabe, para convencer o marketing da sua empresa ou instituição de que vale a pena apostar no Cidade Poema, pode dizer assim: é um projeto de incentivo à leitura que une a poesia às demais artes com o objetivo de democratizar o acesso a elas, levando versos aos mais variados públicos por meio de diferentes suportes, entre eles mídia externa voltada tradicionalmente à publicidade.

## A poesia está tomando as ruas de Porto Alegre

A invasão é planejada e vem acontecendo aos poucos. Há voluntários de sobra, o arsenal é vasto e de qualidade, mas os avanços ocorrem conforme os recursos. Questões de logística. O melhor é que não há resistência. A cada novo território ocupado, a poesia é recebida com flores e convidada a ficar. São várias as frentes poéticas. Pelo grande porte, se destacam os *outdoors* e *busdoors* (apesar do nome, nada a ver com portas, trata-se daqueles adesivos colados no vidro de trás dos ônibus).

Também chamam atenção os minimetragens poéticos, já exibidos em cinemas locais e levados a escolas da rede pública. Mas, o Cidade Poema aposta com igual entusiasmo em iniciativas de pequenas dimensões, como bolachas de chope com poemas ilustrados e ímas de geladeira. Entre os dois extremos, há banners, faixas, exposições fotográficas, adesivos aplicados em paredes de livrarias, bibliotecas comunitárias, escolas, escritórios, laboratórios e centros de saúde, bem como em elevadores e até espelhos de banheiros de *shopping center*.



imagem [busdoor] : lais chaffe

### Você de frente com o verso

O slogan “Você de frente com o verso” foi criado por Orlando Bona Filho (*designer*, publicitário, poeta e músico) e supera qualquer definição. Bona assina a direção de arte da maioria das peças do projeto, incluindo os *outdoors* e *busdoors*. Foi dele a ideia de apresentar a frase espelhada, sempre abaixo do logotipo, que é criação de Auracebio Pereira, o Aura. Até o momento, 47 *outdoors* já colocaram o porto-alegrense de frente com o verso.

Os primeiros, com poema de Celso Gutfreind e ilustração de Guilherme Moojen, foram para as ruas em abril de 2009. Em junho do ano seguinte, o publicitário criou novos cartazes, também ilustrados por Moojen, agora com versos de Alexandre Brito. A terceira leva de *outdoors* saiu na virada de 2010 para 2011, e o poeta que deixou a cidade mais simpática no Natal e no Ano-Novo foi Ricardo Silvestrin.

No fechamento desta edição da Corsário, alguns ainda podiam ser vistos pela cidade – cada *outdoor* fica exposto por, pelo menos, 14 dias, mas esse tempo pode se estender, dependendo da demanda de espaços do período seguinte.

# Literatura em movimento

Os primeiros ônibus com adesivos poéticos nos vidros traseiros circularam pelos bairros de Porto Alegre durante 30 dias, entre abril e maio de 2009, no lançamento do projeto. Foram 15 poemas, sempre acompanhados de fotografias de Fernanda Bigio Davoglio, percorrendo as ruas em 30 veículos. Na mesma época, em 2010, mais 20 busdoors, com arte de Orlando Bona Filho e versos de cinco poetas. Esses adesivos levam algumas pessoas a confundir o Cidade Poema com o Poemas no ônibus, projeto da Prefeitura de Porto Alegre que já vai para sua 20ª edição - foi criado na época da administração do prefeito Olívio Dutra (PT).

A confusão não é por acaso: além de serem duas iniciativas que utilizam o transporte coletivo para estimular a leitura de poemas, as duas usam adesivos como suporte.

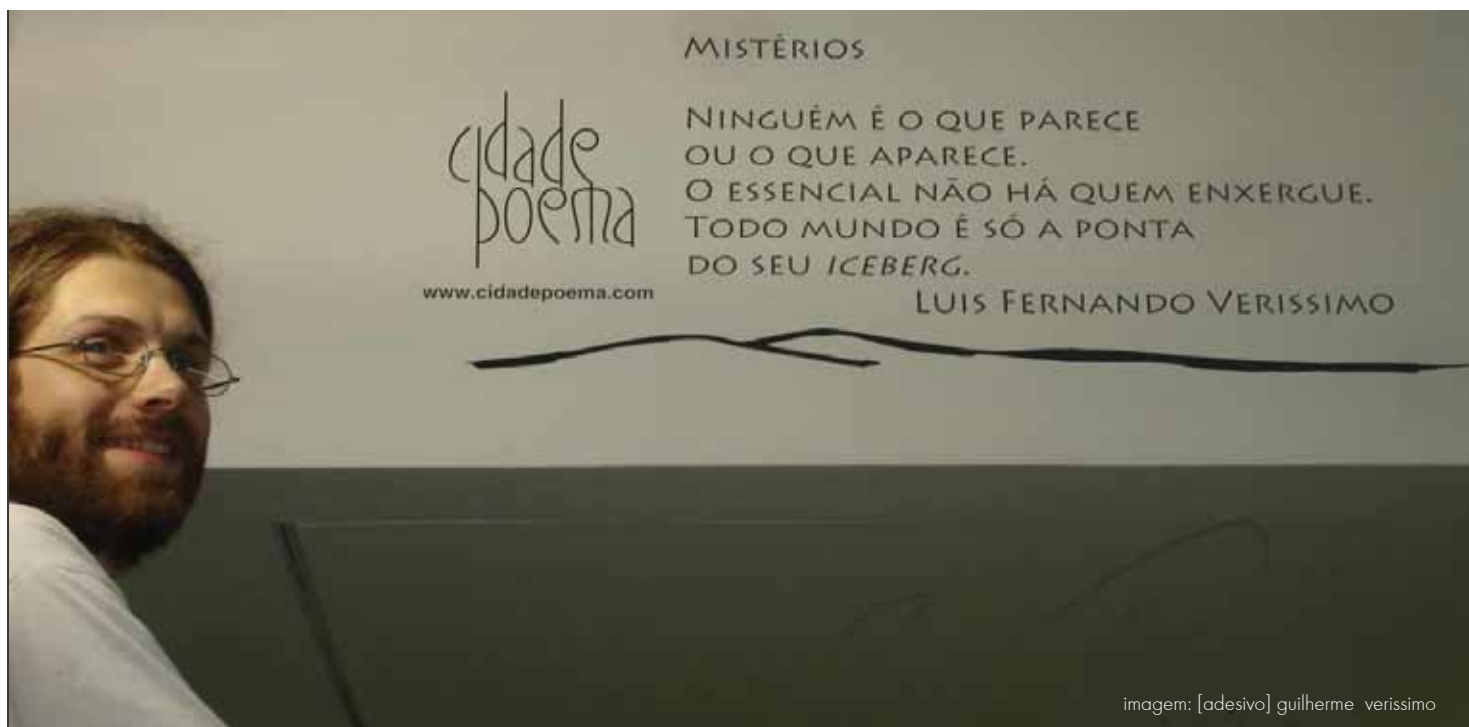
No caso do projeto pioneiro, os poemas são selecionados em um concurso anual e os adesivos são colados no interior nos ônibus, podendo ser lidos pelos passageiros durante percurso. Posteriormente, são publicados em livro. Em duas ocasiões, estive entre os poetas premiados e senti pessoalmente a grande repercussão da iniciativa, a acolhida de leitores, o que me levou a refletir: por que não colocar adesivos poéticos também para os vidros detrás dos veículos? Por que não levar poemas a outdoors e outras mídias externas, normalmente voltadas para a publicidade? E se isso fosse feito unindo a poesia a ilustrações e fotografias, subvertendo a ideia de que mídia externa seria sinônimo de poluição visual?

Foi a experiência enriquecedora de ter versos selecionados no Poemas no ônibus – posteriormente eu participaria como jurada – que motivou essas reflexões e inspirou o surgimento do Cidade Poema

imagem: laís chaffe







## Versos abrem portas e sobem pelas paredes

A poesia vai à escola, ao cinema e ao *shopping*. Ainda frequenta livrarias, mas também se apresenta em praça de alimentação, anda de elevador, se olha no espelho.

Os primeiros adesivos poéticos ilustrados por Moojen foram aplicados em três livrarias muito queridas pelos leitores e escritores porto-alegrenses: Letras & Cia, Palavraria e Sapere Aude! Um deles, com poema da série *Poesia numa hora dessas?!*, de Luis Fernando Verissimo, já faz parte da decoração da Letras & Cia desde a segunda edição da Festa Literária de Porto Alegre (FestiPoa Literária, parceira de primeira hora), em 2009, quando o escritor foi homenageado pelo evento. A Sapere Aude!, exibe um poema de Lau Siqueira e outro meu, enquanto Celso Gutfreind e Fred Maia estão na vitrine e em uma parede interna da Palavraria.

Ainda no primeiro ano do projeto, todos os elevadores e banheiros de um *shopping* da capital gaúcha exibiram adesivos poéticos por um mês. Durante o mesmo período, todas as sessões de três cinemas da rede Cinesystem foram precedidas por apresentações de 15 minimetragens com poetas locais dizendo seus versos. A pré-estreia movimentou a Alameda dos Escritores (haveria nome mais apropriado?) do *shopping*, quando poetas e leitores confraternizaram, além de assistir aos curtas, participaram de performance com a atriz Deborah Finnochiaro, que ofereceu a quem foi aos restaurantes da Alameda o Cardápio Poético, com várias opções de poemas. Deborah só parou de dizer os poemas quando todos estavam satisfeitos. Os minimetragens voltaram a ser exibidos na Feira do Livro de Porto Alegre e, durante a FestiPoa 2010, no Cine Bancários e no Instituto Cultural Brasileiro Norte-Americano. Foram levados ainda a estudantes e professores de escolas públicas que aderiram ao subprojeto Escola Poema, adesivando paredes e portas.

### para saber mais:

#### internet:

- [www.corsario.art.br/cidadePoema](http://www.corsario.art.br/cidadePoema)
- [www.cidadepoema.com](http://www.cidadepoema.com)

#### invasão de poesia na cidade:

- planeje e faça de sua cidade uma cidade-poema:  
[www.corsario.art.br/dicasCidadePoema](http://www.corsario.art.br/dicasCidadePoema)

#### referência corsário:

- Plano-Piloto de Intervenções Poéticas para Dominação do Planeta:  
[www.corsario.art.br/index.php/corsario/pagina/77](http://www.corsario.art.br/index.php/corsario/pagina/77)





inluação

Aos inventores do protetor solar  
peço que inventem o protetor lunar:

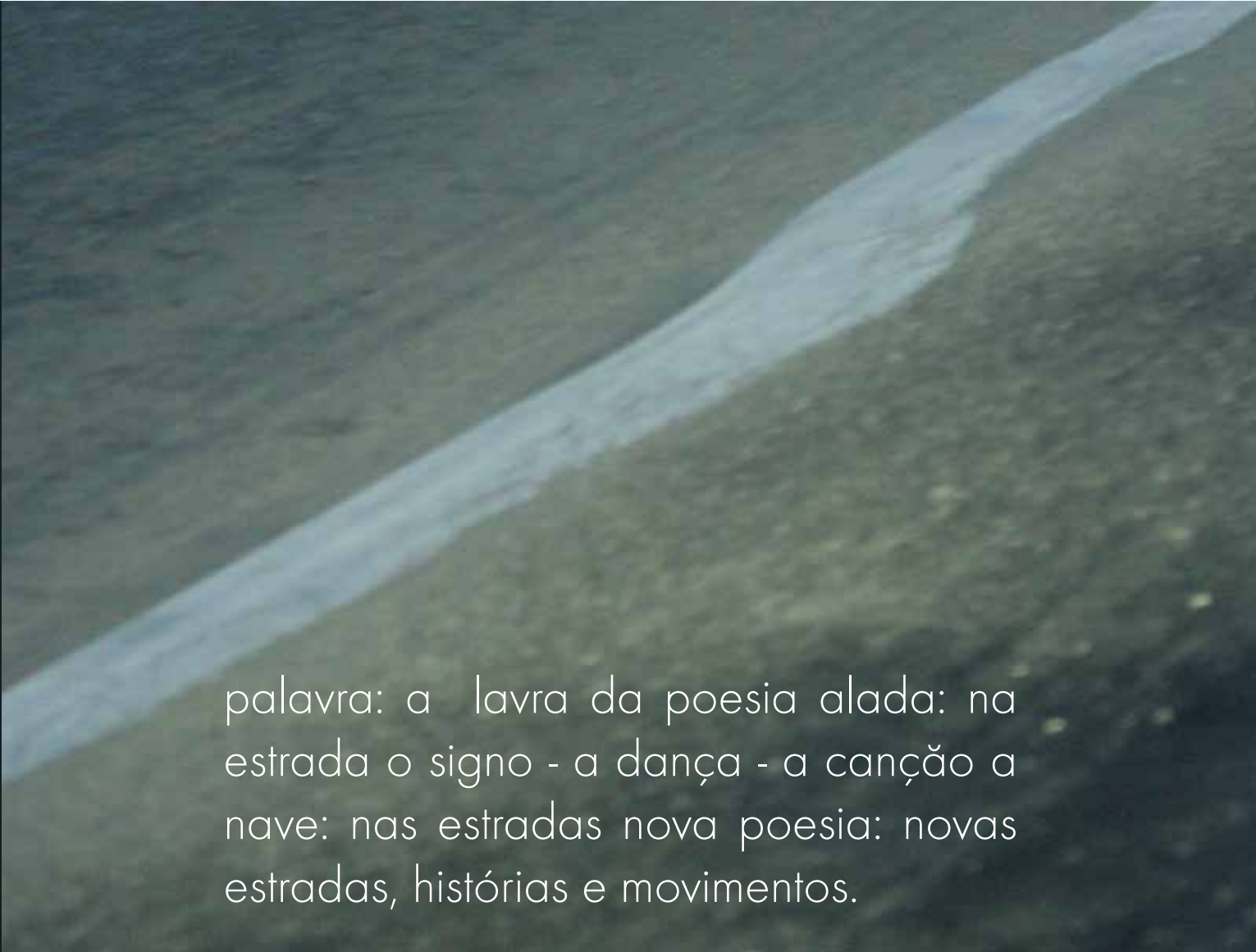
Sombra nenhuma da noite protege  
a alma ardente exposta ao luar:

carlos nóbrega

Carlos Nóbrega - Poeta. Tem os seguintes livros publicados: *A sono solto*; *Outros Poemas*; *Breviário*; *Árvore de Manivelas*; *A grande peleja virtual com Orlando Queiroz*; e *O quanto sou*. Contato: carlosamnobrega@hotmail.com



imagem [estrada] : dirceu matos

An aerial photograph showing a light-colored, winding road or path that cuts through a vast, green, textured landscape. The road starts from the bottom left and curves towards the top right. The texture of the landscape appears to be grass or low vegetation.

palavra: a lavra da poesia alada: na  
estrada o signo - a dança - a canção a  
nave: nas estradas nova poesia: novas  
estradas, histórias e movimentos.



# entrevista com augusto de campos

o são joão batista  
da literatura cibernética

poesia ciberdançante  
videopoesia & tempos digitais

Augusto de Campos - poeta, tradutor e ensaísta que mantém um diálogo com as novas mídias. Fundou, com Haroldo de Campos e Décio Pignatari, o movimento Concretista, que arremessou conceitos mil e influenciou diversos poetas contemporâneos e nossa nova literatura.



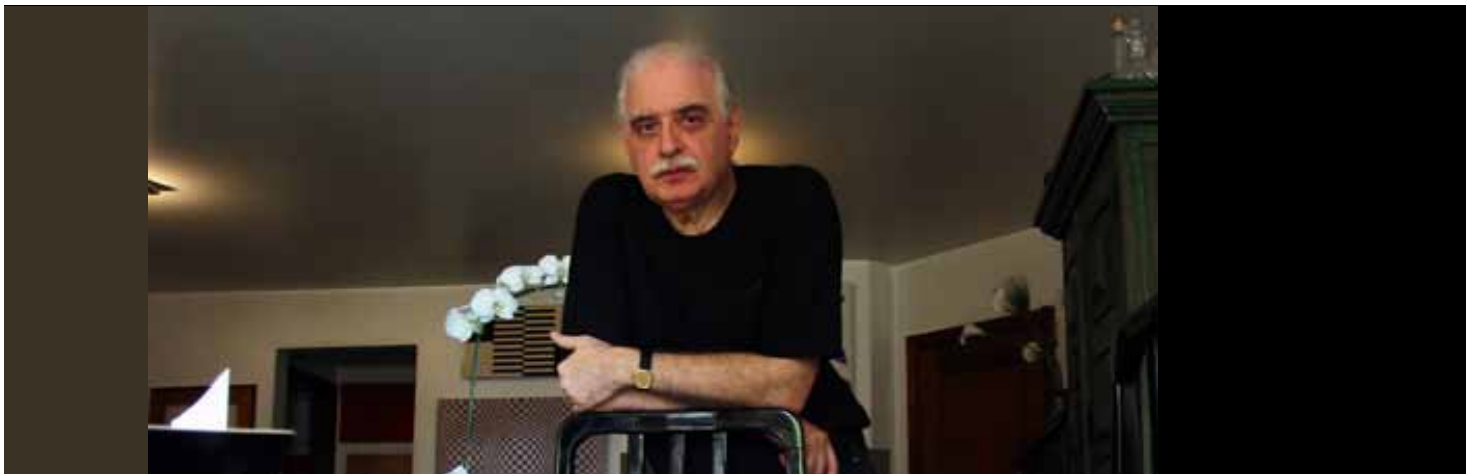


imagem : Pipol

### são joão batista da literatura cibernética

*Augusto de Campos, poeta-visionário tem a mesma função nos tempos de hoje que Manuel Bandeira teve para o Modernismo Paulista. Manuel Bandeira batizou o movimento modernista, fez sacramento-amplitude e poemas-modernos sendo o São João Batista do Modernismo. Augusto fez videopoemas com videopoetas-de-hoje, participou da revista Mnemozine (4), brindou a revista Errática com suas intervenções e muitas outras ações-poesias-infinitas, ou seja, é o nosso São João Batista.*

### entrevista

*Em tempos de conexões, tv, internet, telefone e rádio, nossa conversa com Augusto de Campos aconteceu por mensagens eletrônicas - os famosos e-mails - tão difundidos e tão importantes em nossas vidas. Por meio deles, Augusto de Campos, um gentleman, nos enviou suas respostas - grandes respostas.*

**Corsário** - A literatura, nos anos 2000, tem adentrado um espaço que antes era bem delimitado por outras mídias, através da utilização de novos suportes e a busca por novos horizontes. Qual é o papel dessa nova literatura em nosso mundo, em nossa vida?

**Augusto de Campos** - O papel da literatura, ou da poesia em particular, me parece o mesmo de sempre: proporcionar momentos-mágicos de beleza, emoção e reflexão, para além da linguagem convencional. Naturalmente as novas mídias e os novos suportes ampliam os recursos para que os artistas possam exercer essa função.

*C. - A questão do gênero literário está cada vez mais transversal: romances + prosa poética; rap + crônicas diárias... Na arte, navegações interssemióticas é a marca de nosso tempo. Como você vê esse processo de síntese artística?*

**A.C.** - Imagino que essas maiores possibilidades interdisciplinares abram um campo enorme de especulação, ainda pouco explorado, e que trará — já está trazendo — grandes transformações para o mundo das artes. Por enquanto, estamos ainda num momento de transição, em que a maioria dos artistas utiliza o computador e a internet apenas para documentar o seu trabalho ou difundir as suas ideias — e os recursos computacionais cumprem perfeitamente esse “papel” (em lugar do papel), mas penso que as novas gerações, desde cedo habilitadas para a era digital, saberão usar com muito maior dexteridade as ferramentas tecnológicas e poderão explorar a engenharia computacional, cada vez mais sofisticada, de maneira criativa e original.

*C. - Hoje cada vez mais jovens escrevem, seja nas páginas de redes sociais (orkut, facebook etc), seja para enviar torpedos de celulares ou em programas de conversação (msn, skype). Qual é a sua visão sobre este novo tempo da escrita e de novos écrans-papéis?*

**A.C.** - São tempos de novos e mais rápidos meios de comunicação, que implicam novos comportamentos sociais e novos modelos dialogais. O problema da arte, no entanto, continua essencialmente o mesmo. Torpedos não são poemas. Poemas podem ser torpedos, se forem poemas. Faz poesia durável quem nasceu para isso, música quem nasceu para a música. Como no futebol, todo mundo pode e, se gosta, deve jogar — mas alguns jogam de maneira especial.

*C. - Como você vê hoje a internet e os portais literários? A internet mudou a forma de ver, fazer e consumir poesia?*

**A.C.** - Sim, uma vez que a imprensa rotineira praticamente inviabilizou a discussão e a divulgação de poesia. A internet passou a ser um veículo relevante tanto num como noutro campo. Democratizou a divulgação pessoal e ampliou infinitamente a informação. No YouTube, de Madonna a Mallarmé, você pode ver o primeiro filme em que aparece o ator Maiakóvski (1918), o ANEMIC CINEMA de Duchamp (1926) ou o UN COUP DE DÉS em polonês... Nas livrarias internetizadas pode comprar o que você quer e o que você nem sabe que existe.



*C. - O que você acha do gênero poético Videopoesia? Videopoemas são autônomos em relação ao poema original? O seu Poema Bomba originalmente pretendia ser um poema cinético-digital?*

**A.C.** - A videopoesia é uma extensão da cinepoesia, que tem um histórico na arte poética do século 20. O LANCE DE DADOS mallarmaico, que se instala entre-séculos (1ª edição incompleta, 1897, edição definitiva 1914) é pré-tudo. ANEMIC CINEMA já é cinepoesia. A videopoesia recebe a bola da TV e do cine e repassa para a poesia digital, que a redistribui, “movideodigital”. Tudo são “movies”.

A poesia concreta, com a sua proposta verbivocovisual, já tinha virtualmente uma proposta “moviemontada”. Poemas como LIFE e ORGANISMO, de Pignatari (1957), já eram propostas de poesia em movimento, cinepoesia. São poemas pré-cinéticos. Quando fiz o POEMA BOMBA não tinha a minha disposição o instrumental necessário, um computador pessoal, para programá-lo. Mas o movimento virtual do poema é ínsito a ele.

Assim que esses meios foram colocados em minhas mãos, pude fazer a versão holográfica e as versões digital e videográfica, que decorreram naturalmente da proposta visual, sem esforço de adaptação. Pós-computador, quando eu já possuía a tecnologia adequada, e depois de estudar os seus programas, passei a compor a partir desses dados instrumentais. Caso de SEM SAÍDA, CAOSCAGE, CONVERSOGRAMAS, poemas que supõem, inclusive, práticas tipicamente digitais, como a interatividade.

Creio que o maior desafio da videopoesia não é ilustrar poemas comuns, ou convertê-los artificialmente em poemas visuais, mas desenvolver poemas estruturalmente ligados à linguagem cinética, textos que sejam congeniais a ela.

**C.** - *A poesia concreta, movimento do anos 50 no Brasil, é um alicerce fundamental para a nova poesia brasileira. Para você, como surgiu o movimento? Quais eram as principais influências (nacionais e estrangeiras)? O que ficou? É possível apontar atualmente prolongamentos, ramificações? “Só a Antropofagia nos une”, disse Oswald de Andrade, ou seja, é preciso a deglutição, a devoração crítica. Como foi a influência estrangeira (Pound, Mondrian, Max Bill, a escola Bauhaus) para o movimento concretista? Como se deu essa relação? Foi realizada nos moldes antropofágicos?*



grupo noigandres: haroldo de campos, Décio Pignatari e Augusto de Campos

**A.C.** - O movimento principiou a surgir a partir do encontro — meu e do Haroldo — com Décio Pignatari em 1949. Começamos a nos reunir semanalmente e a pensar poesia juntos. Queríamos saber onde estávamos, quais eram os novos caminhos, onde poderia e deveria intervir um poeta brasileiro naquele estágio. Foi, sim, um *brainstorm* antropofágico e naturalmente ambicioso para escritores de um país subdesenvolvido, como éramos nos anos 50. Acabamos nos concentrando em Mallarmé (*Un Coup de Dés*), Joyce (*Finnegans Wake*) Pound (*Os Cantos*) e na “tortografia” poética de E.E. Cummings, Oswald e João Cabral. Gostávamos de muitos outros autores, é claro. Mas os escolhidos nos pareciam os “inventores” básicos, a partir dos quais se podia pegar o fio da meada e sair para outras invenções. Em música, essenciais eram Webern, Schoenberg, Varèse, Boulez, Stockhausen. João Gilberto e a Bossa Nova. Em artes visuais: Mondrian, Malévitch, Calder, Max Bill, Bauhaus. Não tínhamos outro companheiro de ideologia no Brasil. Fomos achá-lo no suíço-boliviano Eugen Gomringer, que era secretário de Max Bill, na Escola Superior de Design, em Ulm, na Alemanha. Lá o encontrou Pignatari, em 1956, nas vésperas de fazermos, em São Paulo, em dezembro, no Museu de Arte Moderna de São Paulo, a 1ª Exposição Nacional de Arte Concreta, para a qual convidamos artistas e poetas que militavam no Rio. Décio e Gomringer trocaram livros. Gomringer lhe deu o seu *Constelações*, Décio, retribuiu-lhe com o nosso *Noigandres nº 2*, que já continha a série dos meus poemas em cores, “*Poetamenos*”, de 1953. Surpresa mútua. Vindo da mesma fonte principal, O LANCE DE DADOS mallarmeano, a poesia de Gomringer se aproximava muito da nossa.

Em carta a Décio, o poeta aceitou a denominação “poesia concreta”, que já usávamos, e idealizou uma antologia internacional de poesia sob esse título. Estava deflagrado o movimento. Depois, surgiram, aqui e ali, poetas trabalhando na mesma direção e precursores, supostos ou verdadeiros. Mas este foi o encontro fundamental da poesia concreta, ao nível internacional.



*C. - No rizoma brasileiro da poesia concreta, como é a influência de João Cabral de Melo Neto e de Oswald de Andrade? João Cabral, poeta marcado pela racionalidade e Oswald, poeta de alma-carnaval, da ironia, do poema-humor. Como se deu esse antagonismo? Que legado para a poesia brasileira João Cabral e Oswald nos deixaram?*

**A.C.** - Os dois poetas são muito diferentes, e nem se estimavam muito, mas cabe às gerações posteriores operar a síntese dialética dessas diferenças e buscar a “nutrição de impulso” para novas aventuras da linguagem. Oswald era extremamente conciso (AMOR / HUMOR), tinha a mais viva e antiacadêmica compreensão da modernidade e da antropologia cultural de países subdesenvolvidos e do Brasil (ANTROPOFAGIA). E era muito mais culto e erudito do que propalavam os seus inimigos e faziam supor as suas tiradas sarcásticas.

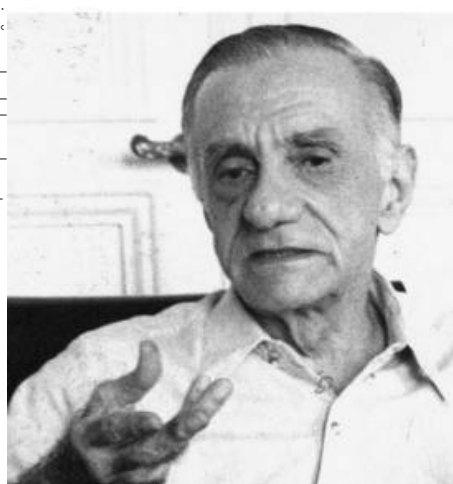
Numa conferência de 19 de maio de 1949, proferida no Museu de Arte Moderna de São Paulo e intitulada “Novas Dimensões da Poesia”, citava Gôngora e Mallarmé (em contraste com a opinião dos “chatoboy” da revista *Clima*). Terminava mencionando Joyce e *UN COUP DE DÉ*, “o maior esforço em verso do século XIX” e falava em “nova geometria do verso”. Não é extraordinário? Ninguém hoje negará a lição cabralina de disciplina e construtivismo poético. O seu implacável antisentimentalismo.

E à sua maneira, ele não deixa de destilar um ousado humor seco e corrosivo (POESIA / FEZES). Os dois poetas podem perfeitamente convergir numa nova perspectiva crítica, sincrônico-sintética, como foi a da poesia concreta.

oswald de andrade  
[<http://escritasociedade.wordpress.com/aula-18b-oswald/>]



joão cabral de melo neto  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o\\_Cabral\\_de\\_Melo\\_Neto](http://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o_Cabral_de_Melo_Neto)



*C. - Sua obra é marcada pelas traduções-invenções. Como surge esse processo? Como foram as experiências nos trabalhos sobre Rimbaud, John Donne, Hopkins?*

**A.C.** - Gosto mais de traduzir do que de fazer poesia. Traduzo com muita concentração e emoção, mas com muito relax. O lado emocional pesa mais do que pensam.

Para traduzir bem eu tenho que assumir uma “persona”, identificar-me com o texto original e com o autor. O mais é arte — é como fazer palavras cruzadas transcendentais, resolver uma equação afetiva. Traduzi 50 poemas de Rilke em poucos meses. Foi como uma viagem, eu estava como que imantado pelos poemas. Depois parou.

Voltei a traduzir alguns poemas esparsamente, mas a “viagem” havia terminado. Criar poemas não me relaxa, a não ser depois de terminado o processo, quando acho que cheguei a um bom resultado, o que é raro. Tudo é tensão e atenção.

*C. - Em seu livro, O Anticrítico, você versa sobre a prosa porosa. O que significa tal conceito?*

**A.C.** - “Prosa porosa” foi como traduzi a expressão “ventilated prose”, usada por Buckminster Fuller num livro de prosa ensaística, recortada como se fossem versos — *Untitled Epic Poem on the History of Industrialization* (1962). Cansado dos idioletos pesantes e rebarbativos da crítica acadêmica, fiz uma tentativa de criar textos críticos e analíticos sem gorduras do jargão ensaístico, outrossins, apuds, notúnculas etc, e com pausas para respirar. Parece poesia mas não é. Não se pode escrever sempre assim. Mas às vezes dá vontade.

*C. - Em seu trabalho, a música é a marca, seja nas referências (J.Cage), seja nas criações (parceria com Cid Campos). Como são esses diálogos? Como funciona este caminho músico-literário?*

**A.C.** - Sempre fui apaixonado por música e os meus livros BALANÇO DA BOSSA e MÚSICA DE INVENÇÃO ilustram significativamente essa minha paixão. Só não sou músico porque não tenho as habilidades necessárias para isso.

Cid as tem, possui uma facilidade enorme para musicar os textos aparentemente menos musicáveis. Tem sido um grande companheiro de viagem.

Mas eu me considero um ouvinte aplicado e sensível, com a vantagem de conhecer, com profundidade, não só a música popular, como a maioria das pessoas, mas a música erudita, da mais antiga à mais moderna, em que sou, de fato, um especialista.

*C. - No Brasil, no cânone tradicional, compositores como Noel Rosa, Dorival Caymmi, Caetano Veloso, Chico Buarque não são estudados (ou são de forma tímida) em literatura contemporânea por jovens e adolescentes. Por que isso se dá?*

*A.C. -* Todos esses grandes autores, além de ampla repercussão, por trabalharem com formas artísticas mais assimiladas, têm biografias e estudos publicados, obras hipereeditadas. Até as sinfônicas de música erudita dobram-se à sua celebridade e os integram aos seus concertos, imaginando com isso cativar o público para a música-pensamento, ainda que os compositores de canções dispensem massas orquestrais e sejam até melhores sem elas.

A música popular brasileira já está no inconsciente coletivo, como o futebol. Todo mundo é técnico, escolhe os seus preferidos, e vai quando acha que o protagonista pisou na bola. Tanto a música popular como o futebol não necessitam de assistência acadêmica, embora hoje sobrem dissertações e teses sobre eles.

Só em momentos de ruptura (bossa nova, tropicália) é que pode ocorrer a necessidade excepcional de uma intervenção crítica de apoio.

*C. - Os programas de computadores nos trouxeram o paradigma de código aberto, livre distribuição. Qual é sua opinião sobre a questão dos direitos autorais nos dias de hoje? Como você vê a tendência da liberação total da informação? E a Pirataria?*

*A.C. -* A questão dos direitos autorais é séria e complexa e precisa encontrar uma solução razoável. Mas o código aberto é dificilmente controlável e tem um aspecto informacional e democrático que não pode ser desprezado.

Aos poetas isso não afeta muito, já que a poesia tem público e valor pecuniário muito reduzidos. Talvez os artistas de consumo tenham que se contentar com ganhar menos e viver vida de artistas e não de novos ricos... Há vários tipos de pirataria, alguns inevitáveis nos países mais pobres. A dos “softwares” tende a se reduzir quando as empresas forem mais generosas e os distribuam em pacotes e preços mais acessíveis.

*C. - Qual sua perspectiva sobre o mosaico cultural brasileiro? E como enxerga a polarização da cultura entre o eixo Rio-SP e o restante do país?*

*A.C. -* Acho que o progressivo encolhimento do espaço da literatura (e particularmente da poesia) nos jornais e revistas de consumo está cada vez mais relativizando essa polarização. Mesmo na fase áurea dos jornais, esse eixo já havia sido quebrado e desviado para o mais amplo e generoso SP-Bahia, a partir do encontro entre Concretismo e Tropicalismo, que Paulo Leminski chamou de POROROCA, “a ponte arco-íris São Paulo-Bahia”, o “atrito entre visceralidade tropical e geometria cartesiana”, para citá-lo literalmente. Em matéria de poesia, o que há são guetos. Comunicação “interguêtica”, transregionalista, ancorada em portais, blogs e programas comunitários como o YouTube e o Google.

*C. - Arte e Ciência, Escher e a Matemática, Física e Poesia. Como você vê esse universo?*

**A.C.** - Universos diversos mas intercorrentes. Recomendo a respeito desse tema, o livro *Arteciência*, de Roland Azeredo Campos (Editora Perspectiva), que tem a vantagem sobre outros da espécie de ser bem informado tanto na área físico-matemática quanto nas artes do nosso tempo.



*E a poesia? Qual é a sua visão dessa comida estranha? Como se dá seu processo de criação literária? Como andam seus projetos, caminhos e leituras?*

Não faço poesia a pedidos ou por encomenda. Preciso de uma ligação “emociono-estrutural” ou “estruturo-emocional” para precipitar um poema, que, para mim, é sempre um curto-circuito de forma e alma. Quando acontece é bom. Mas dói.

Faço tudo para ser mais leitor do que autor. Meu maior prazer é ler e traduzir. Nessas áreas tenho infundáveis projetos. Quanto à minha poesia, decorridos 8 anos da última publicação, já teria material para um novo (provavelmente último) livro. Mas não tenho tido lazer suficiente para organizá-lo. Entre os dois últimos livros, houve um espaço de 9 anos (*Despoesia*, 1994; *Não*, 2003).

Nesse último livro, o poema final foi jogado para a quarta capa, como a sinalizar que está fora do livro. Tenho publicado mais na internet (especialmente no site *Erratica* [[www.erratica.com.br](http://www.erratica.com.br)], onde estão poemas animados como CHANCE CHANGE, COLIDOU ESCAPO e os TVGRAMAS 3 e 4. Outros nos “site” da Cronópios e do YouTube. Até porque funcionam melhor nas versões digitais. Cores, layouts e suportes diferenciados ainda são tabu editorial pelos altos custos em relação às pequenas tiragens de livros de poesia.

Na área digital, a facilidade é maior e as edições ilimitadas. Mas, sem dúvida, o livro, com todas as suas limitações, ainda é uma boa e necessária forma de registro, e há que caminhar paralelamente com ele.

*para saber mais:*

internet:

- [www.corsario.art.br/entrevista](http://www.corsario.art.br/entrevista)
- [www2.uol.com.br/augustodecampos](http://www2.uol.com.br/augustodecampos)
- [www.cronopios.com.br/tvcronopios/conteudo.asp?id=39](http://www.cronopios.com.br/tvcronopios/conteudo.asp?id=39)
- [www.cronopios.com.br/mnemozine/](http://www.cronopios.com.br/mnemozine/)
- [www.erratica.com.br/opus/98/index.html](http://www.erratica.com.br/opus/98/index.html)
- [www.erratica.com.br/opus/103/index.html](http://www.erratica.com.br/opus/103/index.html)
- [www.corsario.art.br/entrevista/videos](http://www.corsario.art.br/entrevista/videos)





por augusto de campos

## ТУБЕРКУЛ 4

## БИБЛИОГРАФИЯ

AH HALLAKKE  
TUTUTUTUTUTUTUTUTUTUTUTUTUTUTU  
A POLISA KEJISTE  
TUTUTUTUTUTUTUTUTUTUTUTUTUTUTU  
JE A TU NAO TE VE  
TUTUTUTUTUTUTUTUTUTUTUTUTUTUTU  
O CIELKEU TE ASSISTE  
TUTUTUTUTUTUTUTUTUTUTUTUTUTUTU  
EM QUICK TIME E FLV  
TUTUTUTUTUTUTUTUTUTUTUTUTUTUTU  
JA PAIKAS JOKE OF SUB  
TUTUTUTUTUTUTUTUTUTUTUTUTUTUTU  
TUHO EXISTE  
TUTUTUTUTUTUTUTUTUTUTUTUTUTUTU  
PEA ACAPAE EM YOUTUBE

imagem: zenner sarle



## desnorte ayla andrade

Eu escrevo pra mim mesma a somar rimas. | Uma por cima das outras, como os eus por cima de mim. | Como as borboletas úmidas que pousei em seus lábios. | Como bênçãos à beira-mar.

Perdoei me se pisei nos seus pés enquanto dançávamos, mas meus ombros pesam tanto que só bailo embaixo d'água. | Construções subaquáticas abalam os meus terremotos: | Em tempos imemoriais, eu me barbeava com dentes de marfim e não sabia pra que serviam os pelos. | Eles estavam lá e eu insistia em os tirar.

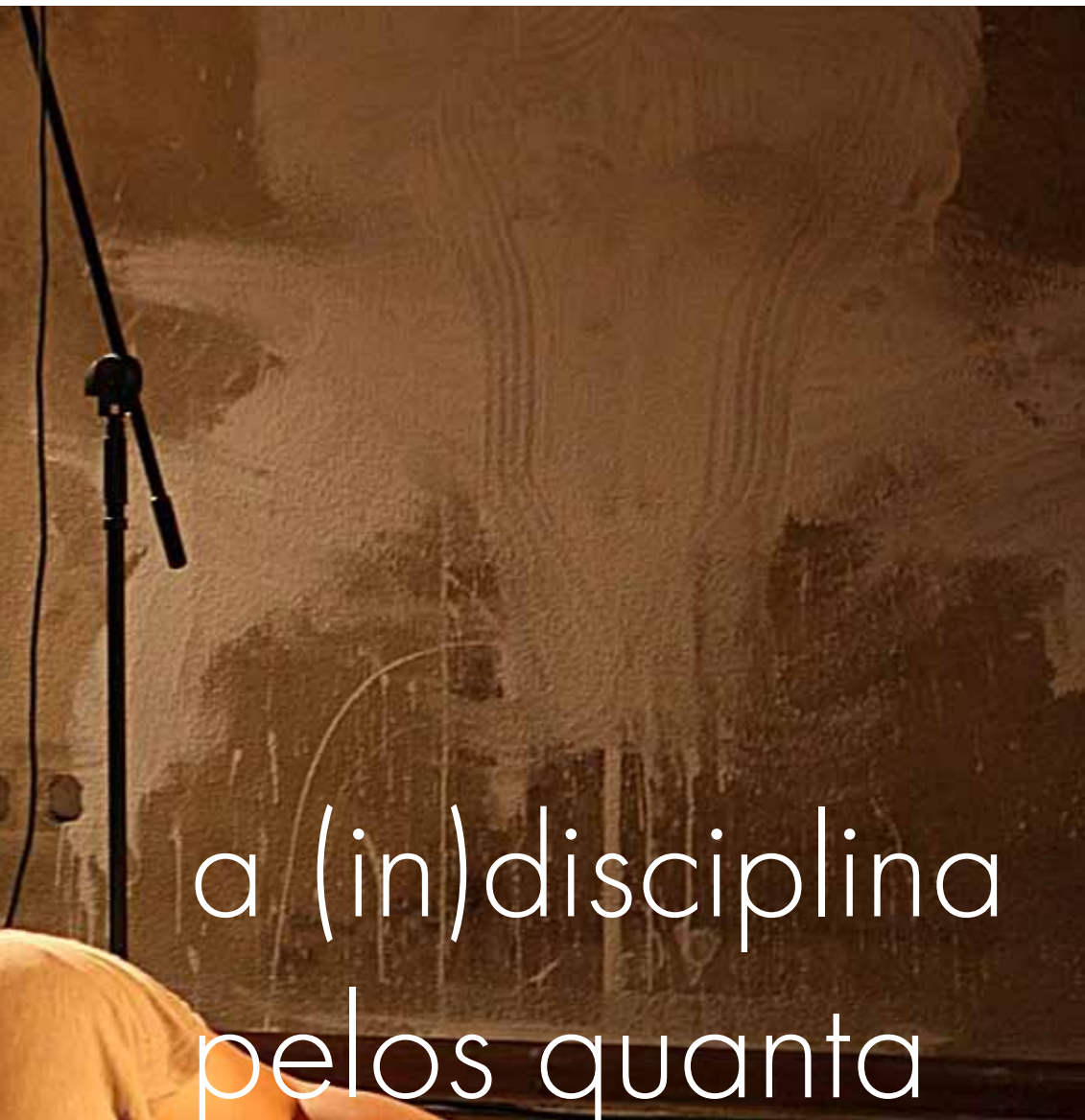
Até que, um dia, em que se morre, deixei os pelos crescerem e eu cresci junto. E neles me agarrava, a puxar a mim mesma, a somar dores, uma por cima das outras, como ecos por sobre mim. Abismos saídos dos olhos e do largo silêncio entre nós (fósseis que em outra noite estavam vivos e nos devoraram, mas que gosto tínhamos? Não sobrou acre, azedo ou doce na língua? Não sobrou úmido ou molhado? Então não trazíamos gosto). Mas sobramos restos de nós e da noite que é sempre a mesma a passear por nossos copos cheios e corações vazios. Eu falo por entrelinhas porque quando grito pareço sussurrar. Quando levanto pareço cair. Quando morro, pareço voar e quando voo pareço teimar que os dias nublados são mais belos. O resto do tempo ajo por mim a somar erros um por cima dos outros, como sua pele por sobre a minha e esse poema que não tem fim, somando sílabas como vagões de trem a me cruzar.

Ayla Andrade - poeta, contista, assistente social. É uma das fundadoras do grupo Parafernália. Publica seus escritos, desenhos e colagens em zines e na revista Gazua. Também apresenta leituras de poemas e contos em rodas de poesia e projetos culturais. Contato: ayla\_andrade@yahoo.com.br



imagem : fabrice ziegler





# a (in)disciplina pelos quanta

márcio-andré questiona o conceito de  
interdisciplinaridade na arte

[Este artigo foi dividido em duas partes. A segunda parte será apresentada na próxima edição]

Márcio-André é escritor, artista sonoro e visual, nascido no Rio de Janeiro, em 1978. É autor dos livros *Movimento Perpétuo* (2002), *Intradoxos* (2007) e *Ensaio Radioativos* (2008). Com seu trabalho de experimentação e processamento da palavra em tempo real, apresentou-se em inúmeros festivais pelo mundo. Atualmente vive em Lisboa. Contato: [marcio@confrariadovento.com](mailto:marcio@confrariadovento.com)

## Todo esquecimento é fiel ao esquecido

Aproximamo-nos de uma era supostamente sonhada desde o princípio dos tempos e somente possível de ser alcançada após avançarmos sobre os limites do esquecimento – na mesma proporção em que aquilo que nos faz desejá-la parece radicalizar-se na direção oposta. Se, por um lado, é evidente a profunda aspiração por uma presença do humano sem demarcações, por outro, nos afundamos, a fim de alcançá-la, cada vez mais e sem retorno, nas delimitações do corpo e das disciplinas. Uma mesma potência parece gerar energia em direções opostas.



imagem: [Chernobyl] - Márcio-André

Neste texto sobre interdisciplinaridade, ousou propor a implosão do próprio conceito de interdisciplinaridade, visto que uma didática pelos quanta retrocede a um estado anterior a qualquer disciplina, inclusive à quântica. Em nossa história de segmentações, como tentativa de fundamentar a subserviência da Obra ao indivíduo, fomos obrigados a seccionar o real, sobretudo aquele que concerne ao conhecimento e às artes, em categorias como as de “linguagem”, “área” e “gênero” e acreditar que estas são propriedades estanques, desde sempre estabelecidas e quase imutáveis, mas com possibilidades de se interrelacionar. Conceitos como “interdisciplinaridade”, “transdisciplinaridade”, “multidisciplinaridade”, “pluridisciplinaridade” não fazem mais que atestar tal crença. O que proponho é que sequer falemos de recuperação de certa característica totalizante inerente à natureza das coisas, uma vez que as coisas nunca deixaram (e nem poderiam deixar) de pertencerem-se: falamos daquilo que, antes e agora e sempre, nunca foi qualquer outra coisa senão uma mesma coisa. É somente nessa complexidade que se faz possível o vislumbre de tal didática pelos quanta.

Mas, antes de traçar as linhas básicas desta didática antididática, precisaria narrar brevemente a experiência mística pela qual passei em 2007. Por conta de uma investigação sobre a poética das casas, acabei por fazer uma visita à Pripyat, a cidade fantasma onde em 1986 houve o famoso acidente de Chernobyl. A cidade, hoje um mausoléu radioativo, inabitável e impraticável, encerrava uma metáfora fundamental. Foi ali, isolado naquele deserto radioativo, em meio a um processo físico de contaminação com célio 137, iodo 131 e estrôncio 90, que tive uma iluminação: sonhei que todas as coisas se pertencem mutua e concomitantemente. Quando retornei ao Rio de Janeiro, logo depois dessa peregrinação, fui convidado a palestrar em um encontro literário, cujo tema, coincidentemente, era “Contaminações”. Por conta dessa deixa do acaso, proferi uma conferência que propunha a contaminação como princípio de indeterminação entre obra e homem.

A contaminação, muito mais do que sua moderna definição de “infectar”, “sujar”, “manchar”, encerra um sentido mais restrito, por consequência mais amplo: a palavra contaminação vem do latim *contaminatio*, que é, por sua vez, uma variação de *contamino*, palavra que designava a prática da contaminação, isto é, o ato de fundir em um só, várias comédias ou contos. Por extensão, veio a sugerir o sentido de “entrar em contato” e, só posteriormente, o sentido negativo relacionado à infecção.

A contaminação (palavra originalmente do âmbito literário), portanto, não é um princípio de troca hierárquica entre um contaminador e um contaminado. Em uma exposição, os elementos expostos uns aos outros se contaminam mutuamente. É aqui some qualquer sentido de linearidade e hierarquia, seja substancial, local, qualitativa e quantitativa. Mesmo em termos físicos, só podemos ser contaminados por algo que já esteja dentro de nós, ainda que enquanto possibilidade. A radiação gama só pode alterar a composição molecular das células humanas porque são também elas compostas por átomos. É somente enquanto entes atômicos que temos o poder de sermos alterados atômicamente – se não tivéssemos esse poder (o de sermos alterados em nossa unidade fundamental), somente aí seríamos imunes ao mundo e àquilo que altera.



Conceito anticonceitualizável, a “contaminação” propõe uma instância de interação poética onde tudo se confunde com tudo, pois que nada é apenas parte. Não estamos falando da intercessão das coisas nas coisas, mas de uma indeterminação de tal radicalidade que seria mais próprio dizer que as coisas são ou compõem um só corpo, manifestando-se coisas a partir da potencialidade desse (macro)corpo em dar-se enquanto singularidades. O nosso corpo, e agora falo propriamente desse que vestimos enquanto homens e mulheres, é uma usina de possibilidades e é somente por já estar-com e ser-com as coisas desde sempre, em sua profunda indefinição e articulação de outro e mesmo, que pode, este corpo, vir a ser nas coisas e vice versa, sendo passíveis, nós e as coisas, de sermos transformados uns pelos outros. Esse princípio não é, nem se pretende ser, uma proposta nova, mas lida, de fato, com aspectos bem pouco explorados pelo Ocidente, pois vai contra o vetor de linearidade ao qual estamos habituados – o Ocidente é incapaz de pensar fora das delimitações. Delimitar é a forma mais eficaz de articulação do poder.

Em 1937, Niels Bohr anunciava: “qualquer tentativa de analisar, à maneira habitual da física clássica, a individualidade dos processos atômicos, condicionados pelo quantum de ação, é frustrada pela inevitável interação dos objetos atômicos em exame com os instrumentos de medida indispensáveis para esse fim”. Em outras palavras do próprio físico, é “justamente a impossibilidade de distinguir com clareza o sujeito e o objeto, na introspecção, que proporciona o espaço necessário à manifestação da volição”. Com isso, consolidava-se, no próprio habitat da ciência, o fim da “ciência” como (ainda hoje) a compreendemos. Bohr, atuante de uma área convencionalmente aceita como distante das artes, foi grande em sua poesia das partículas, tornando-se um dos pais da física quântica. Foi discordando dele e de teorias que subjazem às mais recentes descobertas da física, que Einstein pronunciou sua famosa frase: Deus não joga dados.

Aqui contextualizada, essa frase é central no confronto ideológico que tento expor. Deus, entendido como o paradigma hegeliano da razão universal, como o espírito absoluto dando conta da problemática filosófica da permanência nos séculos precedentes, é posto em xeque bem no seio do pensamento científico. Mesmo para Einstein, semeador do processo, era difícil se abrir para todas as possibilidades que se apresentavam. Era um momento de ruptura tão radical que exigia uma nova ergonomia em prol das novas abordagens filosóficas e científicas que surgiam no Ocidente.

## contaminações etc

Para compreendê-la completamente, a própria estrutura do entendimento exigia uma mudança igualmente radical. A filosofia até então se baseava em categorias como tese e antítese e na nova filosofia das partículas, tese e antítese revelavam-se simultaneamente autênticas e complementares, já que uma mesma entidade podia ser, concomitantemente, contínua e descontínua, verdadeira e falsa, real e irreal. Uma mesma partícula podia apresentar-se em dois lugares ao mesmo tempo, podia sumir e reaparecer em outro lugar antes mesmo que houvesse sumido. Compreendia-se, pela primeira vez na história moderna do Ocidente, que informações contraditórias entre si precisavam ser consideradas igualmente verdadeiras para se compreender a realidade. A física já não podia ser usada como parâmetro restritivo do possível – e o impossível começava a tomar forma.

A história, como o universo, recusava-se a permanecer dentro da linearidade caducante de uma causalidade forçada e se lançava na periculosidade do desconhecido. Deixava de correr numa linha cronológica sucessiva, perdendo-se na abertura infindável do que Bachelard chamou de pedagogia da ambiguidade, fruto desse novo real que se inscrevia num inconstante devir-ser. Mas, apesar dessas revoluções bacanas, tão radicais e plenas de poesia, avançamos realmente muito pouco em nossa possibilidade de sonhá-las – o delírio possível de tais descobertas manteve-se no cinema e nas histórias em quadrinho. Pois, ainda que seus conceitos façam parte de certo senso comum, sobretudo na área de humanas, parece ter resultado num real ainda mais “clássico”.

Mesmo os físicos parecem não ter intimidade com as possibilidades que suas descobertas oferecem. De forma que viemos testemunhando, desde a época dos nossos pré-socráticos quânticos, a possibilidade total de extinção das disciplinas e suas amarras ideológicas em igual proporção em que, institucionalmente, se radicalizam cada vez mais. Um aparelho eletrônico (um celular seria um bom exemplo) é produzido com os conhecimentos mais imediatamente agregados pela física das partículas, mas é consumido segundo os ditames mais rudimentares do sistema de bens de consumo. O potencial altamente libertário da filosofia dos quanta não reverteu os princípios mais opressores da sociedade maquinal.



o impossível começava a tomar forma.



imagem: [Márcio-André - Poética Plurales]

**E** não somente isso. Mesmo a percepção dessa tal ambiguidade em nosso presente acentuou-se ao ponto de constituir uma das características da própria contemporaneidade, deixando-se entrever uma espécie de realidade metaepistemológica, i.é.: uma realidade que faz, a todo instante, a sua própria epistemologia, como se o próprio processo pudesse ser domado. Não é difícil ilustrar isso: se, há algum tempo, inventávamos maneiras de encerrar o passado em conceitos estético-históricos como, por exemplo, o barroco, o romantismo ou o modernismo, hoje nos aprimoramos a tal ponto na prospecção virtual da história, revelada nas tentativas estapafúrdias de definição do próprio presente, que é possível encontrar artistas cujas obras se prestam, declaradamente, a tentar comprovar a tal pós-modernidade.

É nesta realidade, a um só tempo, promissora e desesperançosa, que permite conceber um apocalíptico fim da história, na mesma dimensão em que com isso articula outras possíveis histórias, que me lanço ao desafio de sonhar uma didática pelos quanta, segundo a qual esse impasse da história se veria tão infame que não teríamos alternativa que abríamos mão da própria história.

*continua na próxima edição*

## iunhas

tenho visto pássaros  
no céu azul que me dizem  
que devo sair daqui-  
mas ainda é cedo.  
então, acho que vou limpar a  
lâmina córnea, semitransparente,  
que recobre a extremidade dorsal dos dedos  
- este casco de paquidermes e ruminantes,  
a úngula.  
prá depois fazer cafuné  
na cabeça  
do retrato de papai.

bem, agora eu acho que vou -  
os pássaros já foram.

roberto barros



imagem : dirceu matos



Roberto Barros - poeta e design. Projetou livros para editora Corsário. Escreveu o livro *Poemas* em 2006. Contato: [naveroberto@yahoo.com.br](mailto:naveroberto@yahoo.com.br)



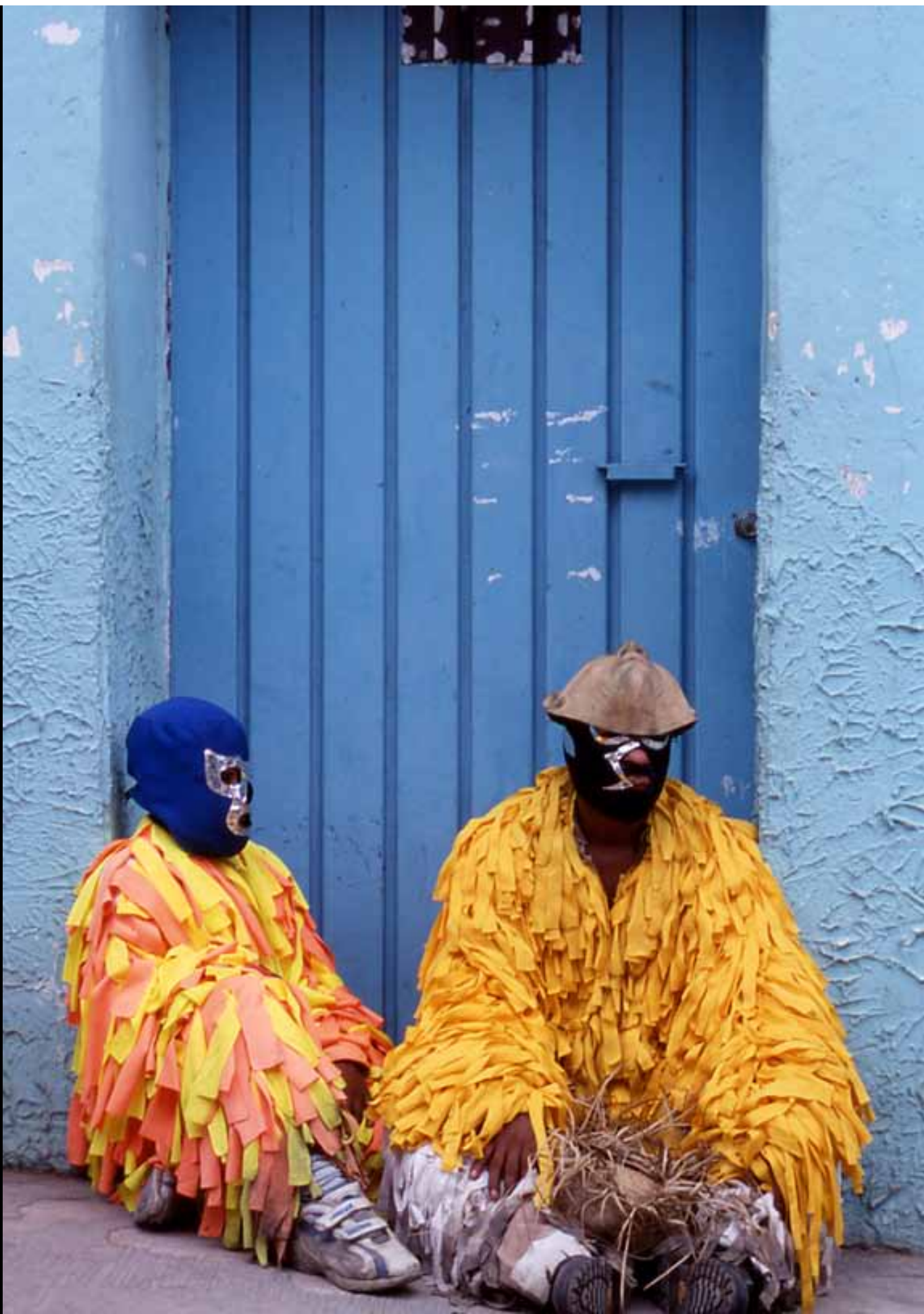


imagem : Darina Robles Pérez [Danza de los Maromeros; Sierra Norte, Oaxaca; 2002]

\* Mención Honrífica de China Folklore Photographic Association

\* Humanity Photo Awards 2004 y fueron exhibidas en Japón en 2005

# caminhos & cantos

percepções poéticas de nuno gonçalves  
ao planar os pés no México

nuno gonçalves é aprendiz y poeta. publicou os livros *Cacos de Cristo* (1997),  
*O Sol e a Maldição* (2004) e *Cartas de Navegação* (2009).  
Edita a página: [www.americalatindo.blogspot.com](http://www.americalatindo.blogspot.com) | Contato: [pajedatribo@yahoo.com.br](mailto:pajedatribo@yahoo.com.br)



## o templo mayor – a pedra fundamental

na praça se espalha o silêncio  
- o zócalo sonha o pesadelo do mundo  
o uivo da serpente atravessa as ruínas do templo maior  
enquanto otávio paz fuma seu cigarro de signos  
e bob marley anima a laje do albergue:  
a catedral e o palácio transam uma peleja  
e uma parelha de jovens mexicanos ensaiam uma trepada,  
brilham os gemidos da chorona  
nos estribilhos da morte que esmola,  
a redenção se desfigura no fantasma da força  
e na singeleza de policiais que me perguntam sobre o BOPE as  
mulheres

& o futebol  
caminhando numa madrugada instalada no estômago do dia fora  
do tempo  
subindo uma pirâmide anterior ao nazareno  
e pensando e pensando e pensando e pens...  
em algo tão simples e tão próximo  
como a paloma de plástico  
que sobrevoa o imenso pátio a céu aberto  
com seus dentes escancarados  
e sua caraquenta língua estendida em direção ao infinito  
à semente original

## conversación en la catedral con el señor del veneno

o cristo negro se transfigura ao som do chocalho da cascavel  
dilacera meus músculos e perfura meus olhos  
ao meu lado um mendigo fantasiado de Caetana  
exerce o sacerdócio de estátua enquanto os turistas transitam  
como formigas mergulhadas no tacho fervente de dende  
deliro & recordo as insanidades que me trouxeram ao mundo  
a estranha nave que me trouxe à terra  
& os impuros argonautas que a conduziam  
o sino toca e as correntes da história se arrastam pela capital  
meu terror segue sua fome como sempre  
ao olhar inviolável da imagem pela qual o velho mexicano chora  
pouso minhas mãos sobre o fogo piedoso das velas  
e arrasto meu desespero até o albergue que me serve de cela  
cubro a pele com minhas vestes  
e como um monge rústico  
rumino os mitos do mundo na obscuridade de minha ressaca

pintura: Nano, Damián Simonini



## a torre de babel

com quem sonhará o soldado  
em qual cratera depositará suas esperanças  
para qual divindade estenderá as mãos agônicas  
com qual faca estrangulará seus sentimentos  
o que move seu dedo ao gatilho  
de qual madeira terá construído sua força  
com qual paz sonhará o soldado  
no repouso desesperado de sua tumba  
com quais monumentos se transformará em tempestade  
aquele que parece não conhecer a língua  
nem o carvão que oscila rente a praia  
quais as pernas que lhe retêm o senso  
o que lhe espera na volta da viela  
a esquizofrenia cristo sobre meu juízo se abate  
como um cordeiro em sacrifício sobre o pátio  
vísceras expostas ao perfume dos incensos  
a chuva anacrônica redesenha as máscaras  
e a poluição no horizonte se alarga  
o outro lado miscigena numa praça  
um concerto de rock e os tambores de idiomas consagrados  
o tempo traduzido em moeda  
e a alquimia reduzida em puro sexo  
o soldado segue o preso lado a lado  
rumo ao velho cárcere emplumado  
na terra das águias e serpentes  
num esgoto sangra o puma enfeitado  
no céu não se vê luas nem estrelas  
do sofá sopra um francês entediado  
o soldado segue a marcha tão calado  
que quem o mira só encontra o afogado

## teoria da noite mexicana - (primeiras impressões)

p/ basarte & rato

Caminho sobre o corpo feminino da liberdade |  
observando a história se processando em murais de cristais  
Os mosquitos seguem zumbindo em minha cabeça  
e as ondas gigantes do Pacífico se rebelam em meus pesadelos  
Simulacros de cismas me ensinam sobre as verdades do norte  
enquanto as mentiras dos periódicos  
seduzem os passos dos tataranetos de cuauhtémoc  
Uma porca amamenta tranquilamente seus filhos  
enquanto artesãos do sul compram e laminam sua prata  
Uma breve paisagem marinha é ameaçada pelo despertar de  
um vulcão  
e minha boca beija a boca de rivera  
no palácio de madeira que sangra e oculta  
a face esquerda do comparsa da traição.

## teatro fantasmagórico - azcapotzalco

não tenho onde receber  
o coração que apavorado se me entrega  
entre os caminhos obscuros da vida  
e a claridade insana da vida  
segue o palhaço beat sua rota incerta  
mirando as alucinações das crianças órfãs  
e a covardia dos que no dia do sacrifício dormem  
não tenho onde receber  
meu próprio coração acorrentado  
aos olhos dos gusanos que os subterrâneos atravessam  
esta basílica desesperadamente reencantada

## o albergue - trampa sagrada

caminha o menino em busca de seu ninho  
seu olhar se perde no rumo da bola em eclipse em direção ao  
arqueiro  
chovem pétalas & cigarros sobre a cidade sem leito  
em direção ao sul pedala a criança seus sonhos delinquentes  
e com tristeza e pavor observa os gringos mortos ainda jovens  
seus gestos desprovidos de alma  
seus corpos desprovidos de sangue  
seus hábitos desprovidos de luz  
um soldado revista os rockers  
e a cabeça de um porco ilustra a alegria da feira  
as lâmpadas se acendem - reluzentes moedas  
enquanto o menino segue seu destino  
em busca de um ninho arquitetado no vento  
de uma raiz exterior ao tempo  
de uma visão anterior à pele

## uma aspiração ao infinito

de um quadro De Chirico  
escapa uma colagem Ernst  
que num voo insuspeito  
atravessa a América até o ponto exato  
onde o vômito de Artaud  
mareado pelo peyote  
transcende o espírito sectário  
revelado no último gesto da vanguarda  
na música escandalosa da explosão das torres gêmeas  
por detrás de um óculos de aros negros  
saltam quarenta ladrões desesperados  
e com todo erotismo possível a uma língua  
acusam Breton, o Terrível  
um ali babá entre tantos outros  
um sai baba de muletas & parangolés  
à direita de tudo  
faísca um instântaneo da intelligentzia  
No salão nobre da casa branca  
sorri um artista que não é árabe  
assistindo ao vivo na televisa  
a impiedosa execução de seu último poema concreto:

imagem : zenner sarte





# os paradoxos e suas contaminações

## edson cruz reflete sobre web e literatura

Edson Cruz é poeta, editor e revisor publicitário. Desgraduou-se em muitas coisas: Psicologia, Música, Violão e Letras. Foi fundador e editor do site de literatura Cronópios (até meados de 2009) e da revista literária Mnemazine. É professor no Curso Prática de Criação Literária da UnicSul/Terracota Editora no Módulo Poema.

Contato: [sonartes@gmail.com](mailto:sonartes@gmail.com) | edita a página: <http://sambaquis.blogspot.com>

O paradoxo é a essência do que vivenciamos em um mundo onde parece que o virtual suplantou o real.

Nada mais paradoxal do que uma pretensa universalidade (realizada por um computador conectado na rede mundial de computadores) desprovida de um significado central e unívoco.

Com a internet, ao contrário do que muitos apregoavam, observamos um crescimento da diversidade, com regionalismos, nacionalismos e expressões de minorias. Escreve-se cada vez mais e não é o inglês que domina como poderíamos supor observando um “universo” que, até 2006, era dominado por sistemas operacionais da Microsoft.

No entanto, a língua é um organismo vivo, mutante e, claro, sofrerá as contaminações dos novos suportes. Apesar disso, não acredito no que diz o linguista norte-americano Steven Fisher quando afirma que o português brasileiro vai ser extinto em mais ou menos 300 anos. O argumento dele tem uma lógica linguística, a partir do conhecimento que temos da dinâmica de outras línguas e outras análises diacrônicas. Para ele, o português brasileiro não resistirá à influência econômica e cultural do espanhol (afinal, o espanhol já é a segunda língua mais falada no Ocidente) e se transformará em uma espécie de portunhol. Talvez, o portunhol selvagem apregoado e defendido pelo instigante poeta de fronteira Douglas Diegues.

Por outro lado, já flertamos com a Web 3.0, visto que a anterior – a Web 2.0 – banalizou-se como sinônimo de sites e ferramentas interativas que revelaram um leitor ativo na produção e gerenciamento de conteúdos.

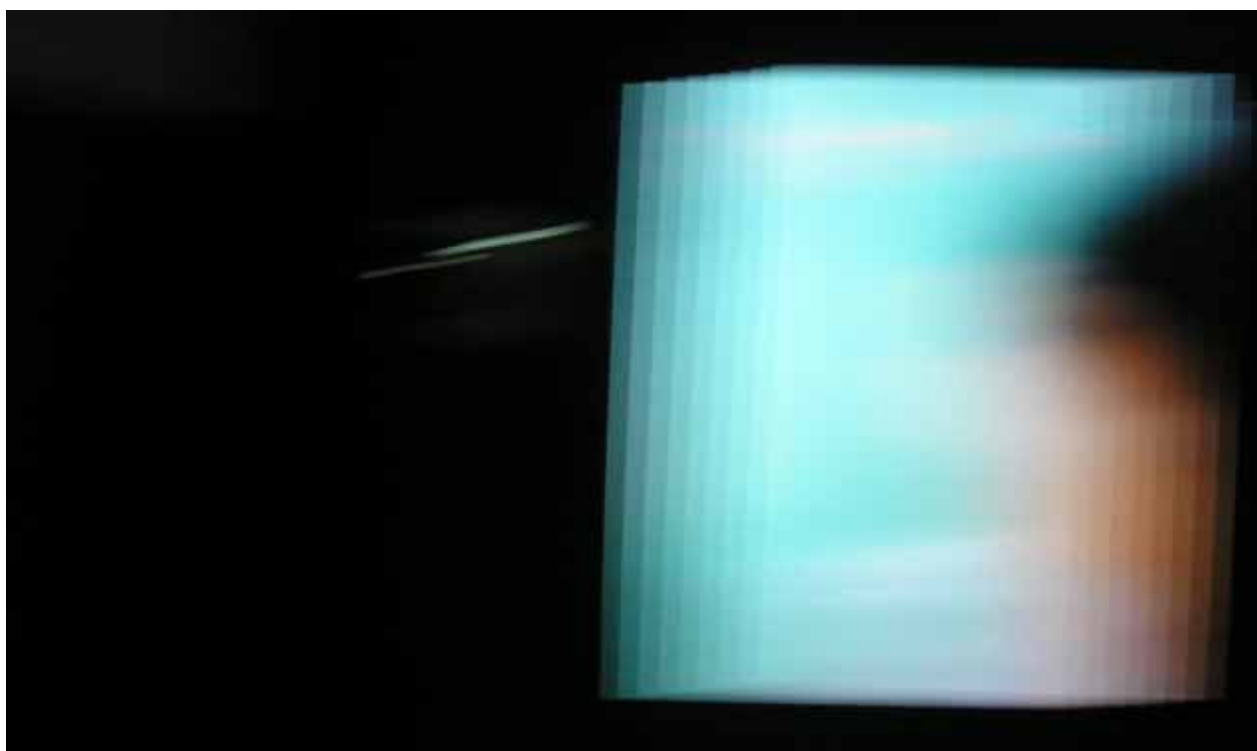


imagem : zenenr sarte



Falamos agora em Webliteratura. A literatura em si já não basta. Estamos todos imersos e fascinados pelas novas mídias e suas facilidades de distribuição e possibilidades ficcionais. E não há como fugir disso. Mesmo que intuídos em pixels e bits, os deuses continuam “hóspedes fugidios da literatura”. Deixam agora seus rastros em rizomas de links e hipertextos que trafegam em diálogo interssemiótico nos chamados iPads, E-readers, E-books e outros écrans mais ordinários.

Muitos dos que se levantam contra a tecnologia, nos alertando de seus perigos, fazem-no de uma forma muito parecida com a que fez Nietzsche ao declarar sua guerra particular ao cristianismo, ou a Deus, e que acabou revelando muito de sua incapacidade de viver sem eles.

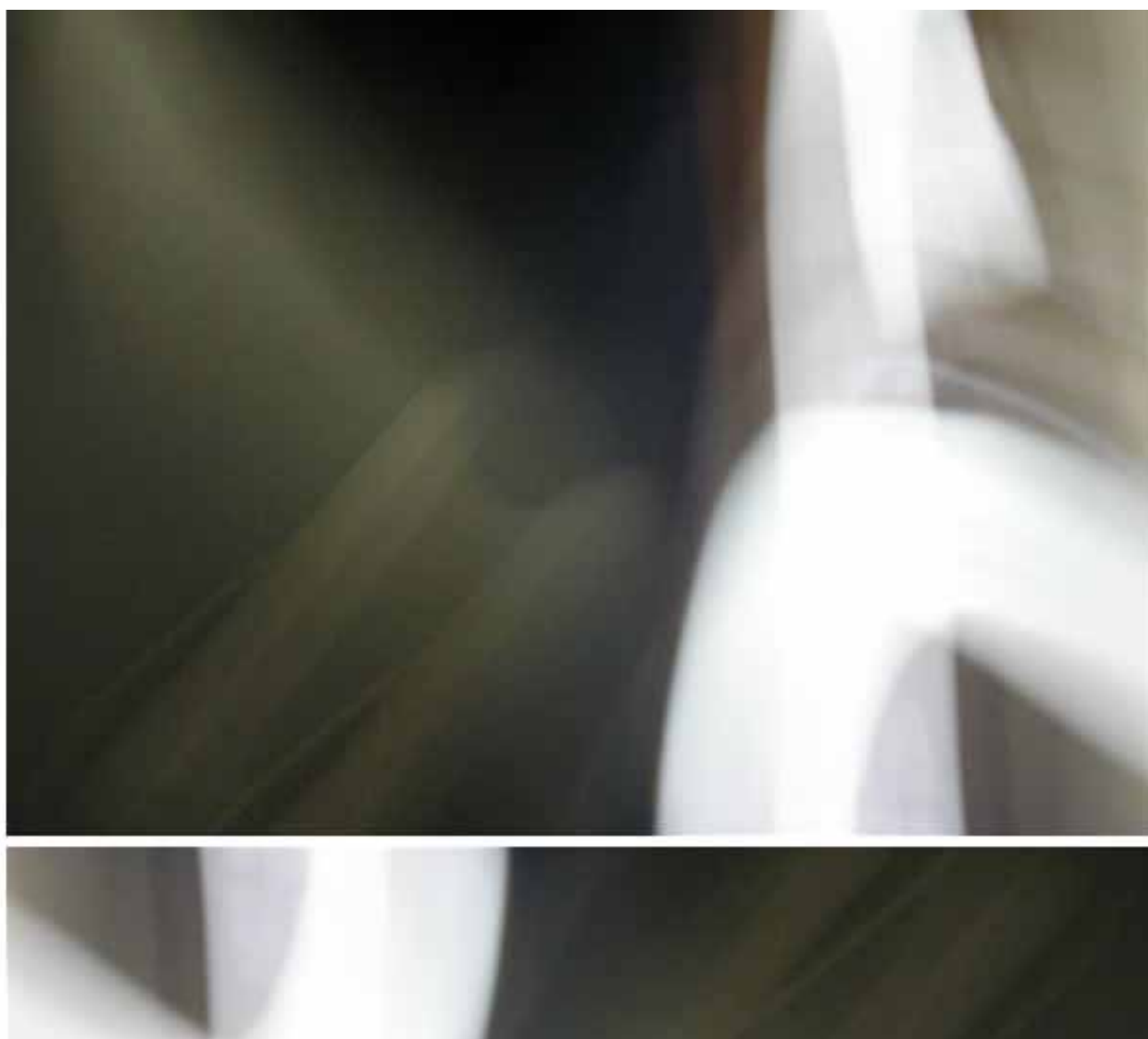


imagem : zenenr sarle

O mito de Narciso usado pelo vovô Marshal McLuhan, quando nos falava sobre os meios como extensão do homem, aponta para o entorpecimento e fascínio que nos atingem quando deparamos com extensões em qualquer material que não seja nós próprios. E, não por acaso, a palavra Narciso originou-se do grego (*narcosis*).

É neste estado paradoxal de *dopping* cibernético que nos pegamos a pensar e a questionar sobre o que está acontecendo em nossos dias. Difícil ter clareza e projetar alguma coisa. Mal estamos dando conta do presente. O que revela que estamos, realmente, despreparados para o futuro, qualquer que seja ele. Paradigmas: velhas chaves para novas fechaduras.

No diálogo recém-publicado entre Umberto Eco e Jean-Claude Carrière, "Não contem com o fim do livro", discute-se com propriedade a efemeridade dos suportes duráveis que pode ser justificada pelo fato de, a cada instante, surgirem novos suportes e aparelhos que exigem um novo tipo de conhecimento para que possamos utilizá-los. É verdade, a geração analógica formada com os livros, e entre os livros, não tem fôlego para tanto. Mas não sabemos o que fará a geração de minha filha de 5 anos que, por sinal, me ensinou a ligar o iPhone que comprei e já joga xadrez nele dando gritinhos de prazer quando come uma peça adversária.

Os dois belos representantes de nossa cultura impressa, colecionadores de pergaminhos e incunábulo, apontam para uma "ansiedade de produção" e para uma proliferação de romances contemporâneos de autores tão efêmeros quanto a tecnologia que deve atender às necessidades de consumo.

Jean-Claude afirma que "às vezes é útil relativizar nossas pretensas proezas técnicas" ao lembrar que os livros de Victor Hugo chegavam mais rapidamente a outros países do que os *best-sellers* nos dias de hoje. Por outro lado, podemos concluir também que este fato só revela a incompetência das editoras atuais em se abrirem para as possibilidades que as novas mídias nos oferecem.

Mas até elas, as editoras lobodinossáuricas, estão se mexendo. No início de 2010, a gigante editorial americana Simon & Schuster ditou novas regras para seus escritores. E quais são elas? Abrir um blogue. Criar uma página no *Facebook*. Gerar conteúdo em redes sociais literárias. Interagir. Contaminar-se. Sair dos escritórios empoeirados ou da pretensa redoma criativa. Abrir-se para as novas exigências e imperativos de uma época de cibercultura.

E no sétimo dia, Deus, observando novamente sua criação, rejubilar-se-á. No oitavo, o *Google* chegará e apoderar-se-á de tudo.

imagem : constance brito



## movimento esperado

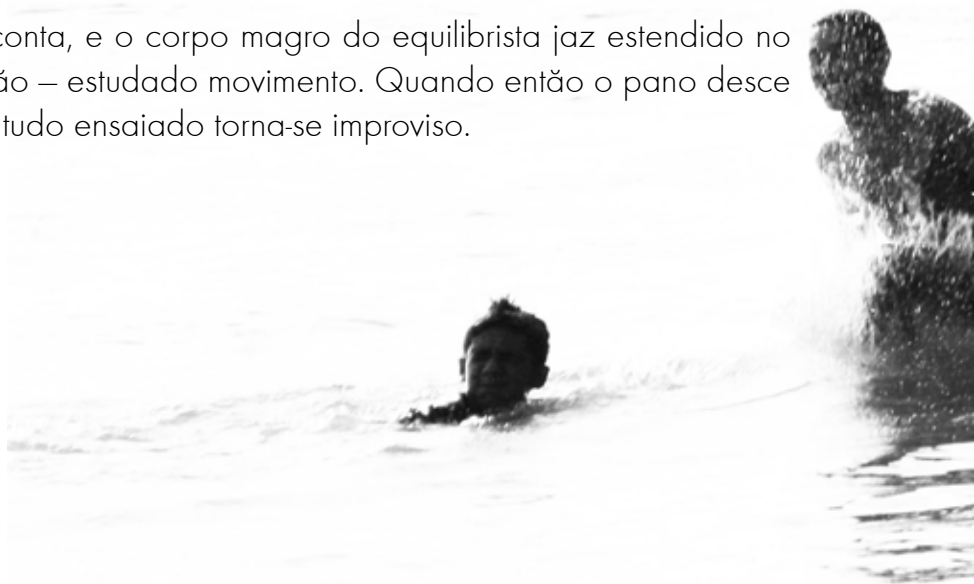
A mãozinha, aparentemente fina, é puro nervo – o músculo reto, justo como uma lâmina; o movimento leve, também aí é aparência, se ouvido de perto, rasga o tímpano. O calo seco dos dedos feito pedra raspa o trapézio: o corpo, sabedor de todos os movimentos, não pensa – executa na perfeição da linha.

Da arquibancada, o aplauso certo, inevitável – como se parte do espetáculo, o assovio finíssimo, o grito rouco. “Bravo, bravo!...” E o ouvido também se faz mestre, não deixando a mensagem chegar ao cérebro, o arrebatamento da emoção – quando o trágico seria regra. Todo o barulho estudado, na concentração absoluta do circo.

O número se repete, impessoal, leve – e a euforia da platéia parece também fazer parte do espetáculo, apenas um dos movimentos ensaiados, exaustivamente esperado.

Mesmo quando se estende além da conta, e o corpo magro do equilibrista jaz estendido no picadeiro, no seu último e – por que não – estudado movimento. Quando então o pano desce sobre o palco e, por detrás, o que era tudo ensaiado torna-se improvisado.

## pedro salgueiro



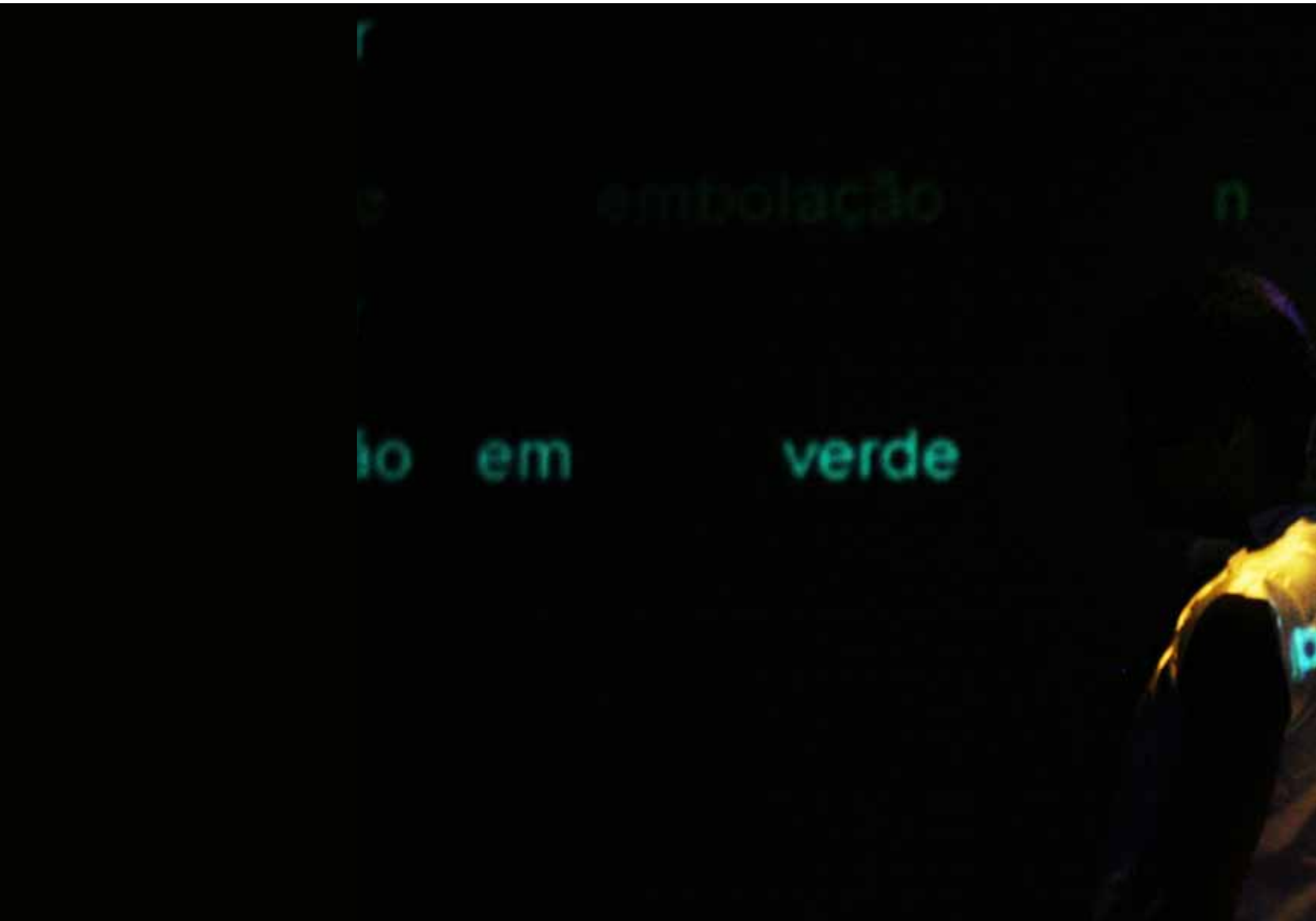
Pedro Salgueiro nasceu no Ceará (Tamboril, 1964). Publicou *O Peso do Morto* (1995), *O Espantalho* (1996), *Brincar com Armas* (2000), *Dos Valores do Inimigo* (2005) e *Inimigos* (2007), de contos; além de *Fortaleza Voadora* (2007), de crônicas. Algumas faculdades (História, Pedagogia e Agronomia), diversos prêmios literários, contos em suplementos, revistas e antologias, um emprego público vitalício e outras inutilidades afins. Dentre várias atividades: desbravador de abismos, perquiridor de caminhos e descobridor de atalhos.



imagem : katiusha de Moraes



imagem : katiusha de Moraes



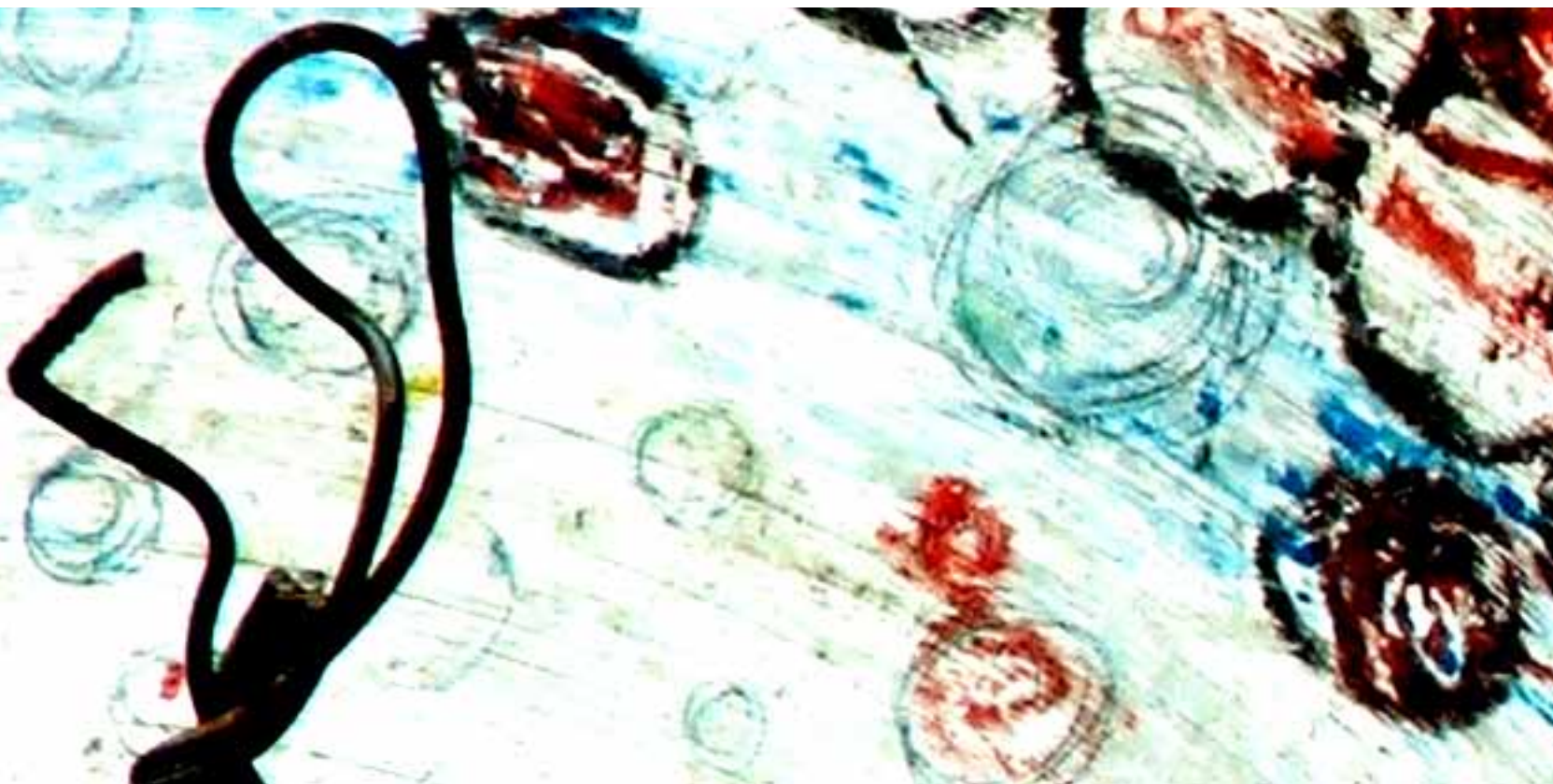


# videopoesia: zona de fronteira -

primeiro movimento

por henrique dídimo

Henrique Dídimo - Poeta, ensaísta, *videomaker*, pesquisador multimeios, nos apresenta, em três partes o que é videopoesia, e seus prolongamentos. Contato: [henriquedidimo@gmail.com](mailto:henriquedidimo@gmail.com)



O vídeo tem sido suporte para diversas experiências interssemióticas. Possibilita interessantes pontos de contato entre artes visuais, literatura, música, dança, performance. Além disso, permite uma montagem de som e imagem na perspectiva do espaço e do tempo.

Mas as origens da videopoesia antecedem ao próprio aparecimento do vídeo. Nesse sentido, a videopoesia surge tanto do desenvolvimento da poesia, que sai do papel em busca de outros suportes, como das experimentações do cinema, que exhibe a palavra em movimento na tela, ou mesmo das artes visuais, enquadrando poesias como imagens. A videopoesia é uma arte que envolve, em suas origens, o desenvolvimento de múltiplas linguagens. Em alguns desses caminhos, a palavra se aproxima da imagem. Em outros, as telas buscam a poesia ou o vídeo e a arte convergem no poema.

Nesse primeiro movimento, vamos investigar as origens da videopoesia a partir dessa zona de fronteira. Palavra, imagem, cinema, tempo. Assim, tornaremos visíveis alguns nós que possibilitaram a construção dessa nova linguagem.





## Espaços do poema

A palavra tem uma dimensão visual. Se pensarmos nos hieróglifos antigos, nos ideogramas orientais ou mesmo na caligrafia árabe, perceberemos que o pictórico e o textual estão profundamente interligados e, hoje ainda mais, com tantos ícones e logos que se locomovem nos espaços virtuais e estampam os objetos da vida real.

As possibilidades visuais da poesia são experimentadas desde suas origens. Mesmo quando se fala em poesias mais metrificadas, como os sonetos, o poema tem uma forma, tem uma visualidade. Até as letras têm origens pictóricas e podem ser trabalhadas no jogo poético. Poesias que emprestam seu corpo a formas visuais são conhecidas, desde a antiguidade, como os “technopaignion” gregos, as “carmina figurata” medievais, as iluminuras, os jogos de linguagem barrocos.

Em épocas mais recentes, a partir de fins do século XIX, poetas como Mallarmé, Apollinaire, Ezra Pound, Maiakovski, Cummings colocam em questão a disposição gráfica da poesia no espaço branco do papel. O texto busca a página como uma tela, espalhando seus versos, compondo imagens, formas, insinuando movimento, mudando de cor, de tamanho, alterando a tipografia. O poema se desdobra no papel como dados que jogam com o acaso. O branco da página é o espaço onde o poema se move, formando zonas de silêncio ao redor do texto. Esse texto espacializado na página, como uma partitura, faz a poesia dançar. E a leitura do poema não precisa ser linear. O leitor pode transitar o olhar sobre o corpo do texto, ler a partir de uma perspectiva tipográfica, pode inclusive interferir na “montagem” do poema a partir de sua leitura.

Com a poesia concreta, o poema assume seu corpo inteiro, a forma e o conteúdo se tornam indissociáveis, formando uma “estrutura-conteúdo”, como um ideograma. Mais que narrar ou descrever, o poema se mostra. A poesia visual é, nesse sentido, um processo estético, que se realiza na fronteira entre a percepção ótica e linguística do poema. Essa noção de poesia como imagem apontou vários caminhos para o texto poético, que se deslocou para além do velho suporte, o livro. A poesia não só se mostra visual, mas busca o movimento, desenvolve-se no tempo, incorpora o som. No projeto “verbivocovisual” dos concretistas brasileiros, o poema é uma confluência de palavra, imagem e sentido, comunicação verbal e não-verbal ao mesmo tempo. As possibilidades se multiplicam: poema-objetos, poemas cinéticos, poemóbiles, eletropoesia, poesia em videotexto, tecnopoesia, holopoemas. A poesia transita além da literatura e aproxima-se de outras linguagens, como as artes visuais, a música, o cinema, a performance, a informática. As possibilidades poéticas geradas a partir da fricção entre essas linguagens apontam inclusive para além do texto.

imagem : dirceu matos



No Brasil, os primeiros experimentos de videopoesia foram feitos através de tecnologias associadas à informática, realizados a partir de programas de computador. O primeiro videopoema brasileiro foi *Pulsar*, realizado em 1984 por Augusto de Campos, com animação computadorizada de Wagner Garcia e Mário Ramiro e música de Caetano Veloso. No final dos anos 80, temos notícia de que Álvaro Andrade Garcia fez pioneiros experimentos com videopoesia, quando integrou a Oficina Literária Informatizada, em Belo Horizonte, desenvolvendo trabalhos com o Quarteto de Sopros. Em 1992, uma parceria do Laboratório de Sistemas Integráveis (Escola Politécnica da USP) com os poetas concretos Haroldo de Campos, Augusto de Campos, Décio Pignatari, Arnaldo Antunes e Julio Plaza resultou em seis videopoemas também considerados seminais. Esses videopoemas, realizados entre 1992 e 1994, foram desenvolvidos a partir de poesias que já tinham forte sugestão de movimento, passando por um processo de roteirização, design e animação para se chegar ao resultado final.

As palavras na tela sobem, descem, se aproximam, mudam de velocidade, somem e reaparecem, criando formas visuais, textos vazados, sobrepostos, com cores e sons. Nesse sentido, pode-se falar em uma sintaxe própria à videopoesia. Na tela, o texto tem que ser escrito de outra forma. O texto tem um tempo para ser lido e geralmente tem seus versos recortados para se adequar à linguagem do vídeo.

Nessa remontagem do poema, há uma recriação para o novo meio, com adaptações ao tempo e espaço da imagem na tela. Um verso ou uma palavra específica pode durar além do tempo de leitura, forçando o espectador-leitor a reler aquele texto ou, ao contrário, o verso pode “correr” tão rápido que a leitura plena se torna impossível, deixando-o apenas com fragmentos do texto. Assim, o ritmo da videopoesia é dado na edição, quando se decide que tempo terá cada texto ou cada imagem. A reiteração do texto é um recurso comum, destacando-se partes do poema, e até intercalando versos como vozes que se sobrepõem. A locução, também editada, é mais uma camada de sentido possível ao poema.

## A tela e o tempo

Antes do surgimento das tecnologias do vídeo, o cinema já mantinha seus diálogos com a poesia. Como precursor, o cinema foi e tem sido veículo para interessantes experiências interssemióticas, apesar de que o cinema hegemônico, industrial, traz pouco espaço para formas que se aproximem da poesia.

Em suas origens, o cinema buscou referências na literatura e no teatro, desenvolvendo uma linguagem próxima ao romance e à sua narratividade. Por isso, quando se fala em “filme poético” tem-se a vaga sensação de um filme sensível ou com acabamento artístico, mas com a mesma estrutura narrativa convencional, linear, de longa duração. Por outro lado, quando cinema e poesia se aproximam abertamente, há uma alteração qualitativa na estrutura de ambas as linguagens.

Alguns dos primeiros experimentos inovadores com o texto foram realizados pelo cineasta russo Sergei Eisenstein. Já em seu primeiro filme, *A Greve*, de 1924, trabalhou com a palavra de forma motovisual, fazendo as letras girarem até tornarem-se a imagem de uma roda dentada na fábrica. No ano seguinte, ao realizar seu clássico *Encouraçado Potemkin*, queria que o texto se comportasse no filme como poesia, dialogando com as imagens, e chamou o poeta futurista russo Nikolai Asseiev para criar os intertítulos.

Eisenstein foi um dos principais teóricos do cinema e uma das questões mais relevantes em seus estudos é a montagem do filme. Para Eisenstein, a montagem é mais que o encadeamento natural de uma cena com a outra. Em sua montagem dialética, quando se justapõem duas imagens, têm-se uma terceira imagem, conceitual. A imagem de uma raposa, por exemplo, seguida da imagem de um homem (figuras bem concretas), sugerem a idéia (abstrata) de sagacidade. Para ele, montagem é conflito e, a partir da colisão de dois fatores determinados, surge um conceito, uma síntese intelectual. A montagem é estética, mas é também ideológica. Eisenstein compara a montagem com o ideograma chinês que, através da combinação de imagens, cria um novo sentido, aproximando fortemente seu método com as poesias orientais, notadamente o haikai e o tanka, que, através das imagens sugeridas, criam sínteses conceituais de forte “agudez imagética”. Em um movimento inverso, muitos poetas de vanguarda incorporaram a seus métodos criativos a teoria da montagem eisensteiniana.

Boa parte da linguagem do audiovisual se estruturou a partir do cinema e, quando usamos o vídeo para trabalhar a poesia, recorremos aos velhos recursos que essa linguagem proporciona, como o uso de cortes, a separação das imagens em cenas, em planos, a divisão do filme em sequências e mesmo os movimentos de câmera, os ângulos, a noção de campo, contracampo, extracampo. Toda essa codificação que o cinema acumulou interfere no corpo da poesia quando ela transita no meio audiovisual.

Por outro lado, a poesia interfere na linguagem audiovisual. Se a poesia é mais fragmentada, pode ser apresentada na tela através de cortes sucessivos, o que dá mais velocidade ao vídeo. Os movimentos do texto podem estar baseados em movimentos de câmera. O próprio fato de se trabalhar com textos poéticos curtos já interfere na duração dos vídeos, invariavelmente curtas-metragens.



imagem : dirceu matos



Outra característica do meio audiovisual que encontra particular ressonância na videopoesia é a simultaneidade de informações e sentidos. A experiência da simultaneidade é dada pela diversidade de leituras do texto poético na tela. Há leituras visuais, sonoras, através de letras, símbolos, palavras e há uma intensa interferência entre as linguagens poética, cinematográfica, musical, das artes visuais, das tecnologias. Esse atrito se expressa nas diversas camadas de sentidos que compõem um videopoema.

As informações textuais, imagéticas, sonoras são equacionadas na sincronização audiovisual, levando a um ritmo através da montagem, para que a simultaneidade das informações não se torne apenas ruído. Ainda assim, sobra muito espaço para a experimentação, já que na edição de um videopoema há, a cada passo, infinitas possibilidades.

## movimentos

No “segundo movimento” desse artigo (Corsário 02), exploraremos mais essa zona de fronteira. Buscando as relações entre arte e palavra, discutiremos a videopoesia no contexto da videoarte, da arte contemporânea e abordaremos a questão da composição do som e da música no videopoema.

## para saber mais:

### internet:

- [www.corsario.art.br/videopoesia](http://www.corsario.art.br/videopoesia)

### videopoesia - referência, banco de dados, fórum e rede social:

[www.videopoesia.art.br](http://www.videopoesia.art.br)

### Enquete:

Videopoesia é um novo gênero? Responda à nossa enquete no site: [www.corsario.art.br/enquetes](http://www.corsario.art.br/enquetes)

# DA VIDA DAS MARIONETES OU:

O corpo emaranhado em aranhol,  
cada articulação presa a um cordel:  
vão as sacudidelas desse anzol  
movimentando aquele que sou eu.

MEU DESTINO TRAÇADO DE GUINHOL  
nas palavras, nos gestos que algum deus  
muito acima do palco e com terçol  
por tédio ou diversão me concedeu.

Às vezes peço um pouco desacoche  
meus laços de Maceus, porém boneco  
permaneço, e em resposta ouço só "Fuck you!".

Sempre este mamulengo, este fantoche,  
frágil esboço de gente, badameco,  
Polichinelo, Kaspar ou Pinóquio.

## Poeta de Meia-Tigela

Poeta de Meia-Tigela - Nascido em 1974, Fortaleza, Ceará. Autor de um livro-em-andamento, o *Concerto n. 1 Nico em Mim Maior para Palavra e Orquestra*. O resto é silêncio.  
Contato: poetademeiatigela@yahoo.com.br

imagem : dirceu matos

